

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 13

SETEMBRO 1961

O ÍNDIO KAYAPÓ EM SEU ACAMPAMENTO

HORACE BANNER

P R E F Á C I O

Cada ano que passa, os Kayapó estão deixando de ser os índios bravos que durante quase meio século flagelaram a região Araguaia-Xingú. Graças aos esforços do Serviço de Proteção aos Índios, as várias hordas que constituem a tribo Kayapó estão abandonando as hostilidades e aprendendo dedicar-se à produção de berracha, castanha e outros produtos da região.

Mas ao entrar em relações pacíficas com os habitantes "civilizados", tudo quanto existe de original e secular entre os Kayapó, está sendo rapidamente modificado pelo embate das duas culturas, línguas e maneiras de viver.

Deixando a história da tribo para pessoas mais competentes, escrevo somente daquilo que tenho visto e ouvido durante os anos que conheço de perto os índios Kayapó. Colhi material entre os Gorotire do Rio Fresco, os Kuben-kran-kein do Riozinho, os Kô-krai-môro do alto Xingú, os Men-krang-no-tí do Rio Curuá, como também de índios Chikrin e Djore provenientes do rio Tacaiuna.

Meus contactos com esses índios datam de 1936, quando, cheguei ao Xingú, após trabalhar entre os índios Tembé e Urubú do rio Gurupí. Meus colegas, os missionários evangélicos conhecidos como "os Três Fredericos", haviam sido mortos pelos Kayapó da Cachoeira da Fumaça. Senti, então, que devia continuar o trabalho de evangelização cristã, iniciado pelos colegas, à custa de suas vidas.

HORACE BANNER

Caribe

N O T A

Os índios Kayapó são dos mais conhecidos através o noticiário da imprensa. Geralmente adverso. Sobretudo, pelo fato de serem uma das raras tribos que ainda reagem à mão armada, invasões de seu território. Nos últimos anos, encurralados pelas frentes pioneiras que avançam pelos rios Tocantins, Xingú e Tapajós, têm sofrido considerável baixa em número. Doenças contraídas nos contactos eventuais ou pelos bandos já pacificados, concorrem nesse processo negativo. Medidas de carácter assistencial têm falhado pela falta de planejamento e de continuidade de ação. É uma tribo em fase de desagregação que reclama pelo interesse dos etnólogos. Isso, porque em contraste com aquela notoriedade referida acima, a informação etnológica sobre essa tribo não vai além de alguns dados publicados por Nimuendajú, e observações de Metraux e Moreira Neto. A publicação do presente trabalho de Horace Banner, é assim oportuna. O convívio de mais de vinte anos, o comando da língua e a boa capacidade de observação revelada nessas notas, são as suas credenciais. Banner não se preocupa em ser um etnólogo, apenas acedeu a instâncias de Moreira Neto e ncssas, em transmitir um pouco do seu conhecimento da vida kayapó. Não se furta, por isso, a julgamentos ocasionais em que o missionário atuante e o "civilizado", se sobrepõem ao observador desapaixonado.

E. GALVÃO

O ACAMPAMENTO

Desde a meia-luz da madrugada, a longa fila de corpos vermelhos está caminhando. Os índios Kayapó estão de viagem! Na frente, os guerreiros, *men-roronŭre*, armados de arcos, flechas e tacapes. Seguem os rapazes, *men-ôkre*, e os meninos, *men-bóktí*, olhos e ouvidos alertos na expectativa de alguma caça. Vêm as mulheres novas *men-kurerére* (mulipara) que, carregadas de bagagem não podem erguer as cabeças e pouco enxergam adiante senão o caminho e os pés da pessoa que vai à frente.

Vêm os chamados velhos, *men-benguêt*, os pais de família, cunhãs com crianças ao peito, ao lado de periquitos, araras, galinhas e de tudo quanto há na bagagem de índia em marcha. Corre aos pés dos progenitores a "gente pequena", *men-prire*, os curumins e as cunhantans. A fila parece interminável, ora silenciosa, ora animada pela conversa das mulheres, o choro das crianças, o gritar das araras e as gargalhadas que acompanham a queda de qualquer infeliz que tropeça num toco, engancha o pé em algum cipó, ou cáia com o pêso às costas.

Não resta mais vestígio do orvalho da manhã. As folhas antes úmidas estão agora quase a crepitar em baixo dos pés. O sol está bem alto, aproximando-se o zênite. De repente, o velho índio que desde o acampamento abandonado vem guiando a turma, dá uma vira-volta. A um sinal ligeiro a fila começa a desfazer-se. Chegando junto ao chefe, os índios espalham-se, à esquerda e à direita, cada qual sabendo o seu serviço, lugar e função.

Alguns rapazes roçam o mato junto ao caminho. Outros vão buscar folhas de bananeira brava ou palhas de assaí, conforme o lugar, e com elas ferram o espaço roçado, para que os guerreiros, que esperam, sentados de cócoras, possam se agasalhar com mais conforto. Vêm meninos que trazem carne moquiada, com beijús de milho ou de mandioca, embrulhados em folhas queimadas. Os guerreiros tudo exigem, reclamando tanto contra servidores como contra os cachorros, até que acabam de comer. Afinal, recompensados com qualquer restinho que fica, os rapazes vão roçar mais mato, buscar mais folhas, e cortar varas, tudo sem que alguém precise dar ordens.

Ao mesmo tempo, a floresta ao redor ressoa com o tinir de facões. As mulheres já arriaram as cargas e agora estão roçando uma grande área circular, limpando-a de varas, cipós, arbustos e espinheiros. Trabalham em grupos, mãe, irmãs e filhas. Depois de roçado o lugar, vão cortar varas compridas e linheiras, que fincam na terra, dobrando e amarrando-as para formar a armação do *kikré*, um tapirí comprido, baixo, com teto meio redondo. Coberto de várias camadas de folhas e palhas, o abrigo está pronto e vai fornecer uma proteção razoável pelos dias ou semanas em que os nômades vão estar parados. Os tapirís formam o

perímetro do acampamento. Todos abrem para o interior do círculo, onde os rapazes estão acabando de fazer uma casa maior. Não é casa familiar, como as demais. É feita pelos homens e para os homens. É *ngòbe*, a séde da tribo.

As índias aplainam as irregularidades do terreno no interior das casinhas. Desenrolam as esteiras e agasalham a bagagem. Penduram no teto as cabacinhas de sementes e de penugem. Suspendem em forquilhas fortes os paneiros e côfos de mandioca sêca. Tiram os pilões, e os toros de taquaruú que lhes servem de depósitos para água. Não existem vassouras. As casinhas das índias não se limpam. Quando chegar o tempo, será mais fácil, mais depressa construir uma casa nova do que procurar limpar uma casa velha!

Entram os “velhos”, com as armas, os amarrados de caça e os jabotís que apanharam pelo caminho. Aqui e acolá vê-se um veterano que gira seus “paus de fogo” com uma rapidez espantosa. Feito o primeiro fogo, o resto é fácil. Com pouco há um ao lado de cada esteira. Coloca-se um pequeno tóro de pau à cabeceira de cada uma, para servir de apoio à cabeça de quem se deita. Chegam mulheres e cunhantans do igarapé aonde foram buscar água, e, ao mesmo tempo, tomar banho. Mas está longe de terminado o serviço do dia. Vão buscar lenha, enchendo os paneiros e amontando as áchas por cima até que parecem uma coivara ambulante. Despejada a lenha, as índias vão procurar pedras. Fazem grandes fogueiras em frente a cada casa, colocando cuidadosamente as pedras em cima da lenha. Enquanto estas esquentam, vão pilar milho e mandioca sêca. Molham a massa, embrulhando-a em folhas e colocando os pacotes no meio das pedras aquecidas no fogo. Cobrem a fomalha primitiva com folhas, e depois com uma boa camada de terra, para reter o calor até estar tudo assado. É o *ki* “o forno de terra” tradicional dos índios Kayapó.

Bom para as cozinheiras é quando o tempo está bom não há chuva para impedir cozinhar ao ar livre. Mas vemos logo como foi a origem da palavra *kikré*, para casa. *Kré* é buraco, ou abrigo, sendo *kikré* o abrigo para o *ki*.

Cães, magros e ferozes, procuram se entrincheirar à beira do fogo, de preferência debaixo da sombra do tapirí; quando

isto não é possível, nas cinzas do *ki*. As donas dos piriQUITOS mastigam castanhas ou as amêndoas de babaçú, e passam a massa diretamente dos lábios aos bicos dos bichinhos famintos, como num beijo prolongado. Ali uma cunhã amamenta serenamente e sem embaraço um porquinho do mato. Outra está tratando um cachorro mordido de porco queixada, soprando fumo sôbre os ferimentos e, de quando em vez, soltando gritos, lágrimas e soluços como quem lamenta a morte de um filho único. Os galos já estão se acostumando ao novo local. Andam e cantam com toda a arrogância de caciques.

Os homens estão reunidos na sede, isto é, *ngóbe*. Sômente à noite irão conhecer as casinhas que as mulheres (e as sogras) acabam de construir. O novo acampamento está pronto. Todos trabalham sem confusão, cada qual conhecendo a sua função, cumprindo o seu dever, fazendo a sua parte. Agiram com uma rapidez demonstrativas de muita prática. A nova aldeia é quase idêntica a centenas de outras anteriores. As casas são iguais, os "móveis" os mesmos, a ordem sempre uniforme.

Mais uma vez o acampamento está armado. Os índios Kayapó "estão em casa", após uma marcha que repete outras, através de dezenas de anos, pelas matas virgens e campos desabitados do vasto sertão entre os rios Araguaia e Tapajós. Vamos tomar conhecimento do índio Kayapó em seu próprio lar na selva.

ENFEITES E PINTURAS

Os índios Kayapó não usam roupas, mas é possível que as horas que eles dedicam ao adorno do corpo não sejam menos das que o homem civilizado precisa dar ao seu traje e aparência pessoal.

As cunhãs raspam a cabeça desde a corôa até a frente, deixando longos os demais cabelos. Há ocasiões, especiais, como, por exemplo, o casamento e o último dia de certas festas, quando os homens também usam a cabeça raspada. Indígenas de ambos os sexos depilam as axilas e órgãos genitais. Arrancam as pestanas. Raspam as sobrancelhas. Perfuram as orelhas, distendendo os orifícios por meio de voltas de palha nova. Perfura-se

nos meninos o lábio inferior, furo que na adolescência recebe o disco de madeira leve, o batoque ou *akó-kakô*.

Usam materiais corantes como o urucú (pŪ), genipapo (mrôti) e carvão (bòri prò), também a tabatinga, e a casca de inambú azulão, a qual depois de pilada, fornece um pó azul-celeste. De matérias cheirosas usam o cumarú, o óleo de côco de babaçú, e a resina de almêcega.

A pintura do corpo de adultos é feita em poucos minutos, seja de tinta encarnada ou prêta, seja com desenhos em listas ou bolinhas. Entre os enfeites mais comuns e populares figuram as “meias” encarnadas com que ornaram os pés e tornozelos, e as faixas de vermelho brilhante que atravessam o rosto de orelha a orelha. Nenhuma pintura se faz casualmente. Nenhuma possui individualidade, pois são de todos. Todos os tipos tem nome próprio e são uniformes tanto no desenho como na ocasião do uso.

Para as crianças, a pintura é mais complexa e exige da pintora uma habilidade adquirida através de longa experiência e muita prática. A tinta é de carvão (bòri-prò) com o suco de genipapo. É quase indelével e não permite corrigir ou apagar qualquer erro. O depósito é um caco de cuia ou uma folha grande. O pincel, apenas um palito comprido. A paleta é a palma da mão esquerda.

A pintora é sempre do sexo feminino, geralmente a mãe, tia ou irmã adulta. Segura-se o pincel entre os dentes para empregná-lo de tinta, passa-se os dedos polegar e indicador da mão esquerda. Depois, com os dedos correspondentes da mão direita (conservada sempre limpa) pega-se no pincel e faz-se na tela de carne dois ou três riscos paralelos, antes de precisar reimpregná-lo de tinta. A pintora índia trabalha com a rapidez e precisão da mulher civilizada que faz tricô ou croché.

Há ocasiões quando certas pessoas se enfeitam como papagaios, untando o corpo com latex e depois, passando a penugem de papagaios ou periquitos que o latex faz aderir à carne. Nas mulheres e crianças, ainda se afixam asas confeccionadas de penas de arara, o que lhes dá um aspecto de anjos cruzados com aves. Crianças e índias de destaque são sepultadas com essa indumentária.

Além das tintas e penas empregadas no enfeite do corpo, usam-se o algodão, e muitas qualidades de palha, envira e fibra, como também ossos, dentes e unhas de animais, e a madre-pérola. Até o contacto com a civilização, quando vieram conhecer as miçangas e contas de fabricação tcheco-slovaca, os Kayapó contentavam-se com sementes pretas, brancas e encarnadas que chamavam de *angô*, nome agora dado ao artigo europeu.

O primeiro cuidado é sempre pelas ligas de algodão que hão de enfeitar os braços, seja qual fôr o sexo ou a idade da pessoa. Tecem-se os fios ao redor de um tóro de bambú, cuidadosamente medido para que as ligas saiam bem justas. Quando folgadas demais, ajustam-se ao braço molhando-se as ligas com água fria para encolher o tecido. Tais ligas, ou *pa-djê*, sejam simplesmente de algodão ou adornadas de miçangas e contas, não são consideradas meros enfeites. Ajudam a endurecer os músculos, fazendo que o dono fique *pa-tôte*, de braço forte. Quando aplicadas à perna, as ligas, neste caso *te-djê*, além de darem força, dão beleza de forma às carnes entre o joelho e o tornozelo.

Os capacetes de penas (*men ôk kó*) usados pelos Kayapó não são exclusivos dos homens, pois os maiores, os mais lindos de todos são do tipo *krô-krôti* e usados somente pelas mulheres. Consistem de penas de rabo de arara, cada capacete precisando das penas de uma dúzia de araras.

Os enfeites principais e mais interessantes dos homens, são o batoque (*ako-kakô*), o bico de palha, tamanho de dedal, que usam no prepúcio (*mÛ-djê*) e o capacete de cêra de abêlha (*men-kutóm*). Há no meio dêste tipo de capacete um chifre vertical, também de cêra, em que se finca vários adôrnos muito bem trabalhados em fios e penas. Para sentá-los seguramente na cabeça é necessário que seja raspado o crâneo. A primeira ocasião em que o homem usa *men-kutóm* é no cerimonial que segue o casamento. Os índios nunca procuram conservar tais capacetes pois acham mais facil e conveniente confeccionar um novo artigo do que lutar com uma coisa tão pesada e facil de quebrar, apesar desta ser uma parte indispensável do enxoval de guerreiro.

As vezes encontra-se, principalmente entre os índios que fazem seus primeiros contatos com a civilização, o *krŭtŭran*, ou batoque de cristal, de forma cilíndrica, de 2 ou 3 centímetros em diâmetro por até, 12 centímetros em comprimento. Sòmente os homens cujos lábios têm furos pequenos podem usar o *krŭtŭran* e mesmo assim, devido o peso, por tempo limitado.

O enfeite mais comum das mulheres é o *arapê*, uma bandoleira de fios de algodão que penduram no ombro. Usado constantemente pela virgem, nas mulheres adultas o é apenas nas festas.

O CASAMENTO

Há certas ocasiões, embora raras, quando se pode notar uma coisa de anormal entre as índias que fazem os preparativos para assar os bolos de mandioca (*djuuò-kaigó*), isto é, de massa simples, sem adicionamento de carne ou peixe. Em primeiro lugar, não são todas as mulheres que trabalham, sòmente certas turmas (sempre chefiadas pela mãe ou irmã mais velha) em cujas famílias existe uma mocinha ou rapazinho. Nota-se também que os bolos são de tamanho muito superior ao comum, limitado apenas pela capacidade das folhas de bananeira brava em que devem ir ao *ki*. Quando, afinal, são tirados do forno, as donas fazem um esforço unido para levá-los aos ombros, rumo a uma casa alheia. Por sua vez, as mulheres dessa casa, retribuem levando seu bolo para a casa das primeiras. Que significa êsse desvio da regra comum pela qual as mulheres trabalham apenas para si e para seus irmãos e filhos que esperam na Casa dos Homens? A troca de pão, *men abénmò djuuò ngò*, literalmente “a gente uns aos outros pão dá”, significa o início das cerimônias de noivado, não para um casal único, mas para turma de jovens, que, em tempo próprio, poderão casar.

O verdadeiro casamento Kayapó, isto é, da espôsa virgem (*men pron printí*) é arranjado pela mãe durante a infância de sua filha.

Já vimos como no acampamento são as índias que fazem as casas, e como são elas que, de viagem, levam as cargas. As

primeiras impressões de quem assiste as mulheres a fazerem aquilo que em qualquer sociedade civilizada o são pelos homens, é que os índios são preguiçosos e que as mulheres lhes servem quase de escravas. Mas tudo quanto o índio faz, é com razão e em harmonia com seu *habitat*, modo de pensar e maneira de viver. São as próprias índias que preferem ficar com a carga, deixando os homens livres de tudo quanto possa embaraçar o manejo das armas. Enquanto elas cuidam da bagagem, os homens protegem a coluna contra possíveis inimigos e, ao mesmo tempo, dão caça a qualquer animal que apareça pelo caminho.

Assim, também, na construção do acampamento. As mulheres fazem as casas porque são elas as donas e isto em sentido literal e não como acontece entre os civilizados, onde a mulher, embora chamada dona de casa, quase sempre toma apenas conta de uma casa alugada, ou que pertence, legalmente, a seu marido. Entre os índios Kayapó, é a mulher quem faz a casa e é a sua dona. O homem pode considerar-se superior à mulher, em força, inteligência e coragem, porém quem manda na casa e na família, é a mulher, isto é, quando ela é também mãe. Quando um homem casa, passa da sua casa materna para a casa da mulher, onde a responsável é a sogra. Se o casal brigar, como não raras vezes acontece, é o homem quem deve retirar-se. A mulher está sempre no meio de sua gente e por isso, segura. É a defesa que a mulher conseguiu, numa sociedade em que o elemento mais fraco poderia ficar desprezado.

Se é a mãe que arranja o casamento da filha, é porque somente ela sabe com quem a filha poderá casar, sem transgredir alguma lei de consanguinidade ou proibição imposta pela tradição da tribo.

Entre os Kayapó, não pode haver casamento entre (a) irmãos; (b) primos; (c) cunhados; (d) "compadres".

- (a) O Kayapó chama "pai" (*Djunuá*) a todos os irmãos do seu progenitor, e "mãe" (*Niruá*) a todas as irmãs de sua progenitora. De "irmãos" então, pode haver uma infinidade.
- (b) Os "primos" (*tomdjuó*) são os filhos dos irmãos da mãe (*nhinguêt*) e as irmãs do pai (*kuatòì*).

- (c) Os cunhados são aquêles que casam ou com as “irmãs” ou as “primas”.
- (d) Aquêles que os intérpretes indígenas apresentam como “compadres” (*kròm, kròmduò, kromguêt*) são realmente bem diferentes dos da tradição católica romana. Segundo a mitologia Kayapó, em certo tempo remoto, os homens fizeram pactos mútuos de irmandade, para nunca brigarem, para sempre se ajudarem mutuamente e servirem de paraninfos nas ocasiões exigidas pelo cerimonial tradicional e, como “irmãos”, para nunca haver casamentos entre uma família e outra.

Vemos então, na face de tantas proibições artificiais, é limitado o número de rapazes, numa sociedade relativamente pequena, com as quais uma moça poderá casar. E são as mães que sabem quem são!

Tendo as mães decidido que uma certa união há de satisfazer todas as exigências tradicionais, como sêlo de boa fé, trocam os seus beijús de mandioca. As mães das mocinhas operam juntas para fazer uma turma de noivados e poderem celebrá-los coletivamente numa festa chamada *men intŪkre*. Triste do rapazinho ou mocinha sem mãe, mesmo que seja adotiva, para tratar do seu casamento na ocasião de saírem aquêles enormes beijús. Não é que não casem, mas perdem a satisfação de participar do que existe de rico e aprazível no cerimonial da vida indígena.

Na festa de *men intŪkre* há dois enfeites principais, usados pelos jovens, que são exclusivos da ocasião de noivado. O primeiro é um machado de pedra, devidamente equipado com cabo e bandcleira, e o segundo, um par de pulseiras de envira (*bòinhôru-kaibŪ*). Como os machados de pedra são de origem extra-tribal exótica e relativamente raros, ficam à disposição de outros noivos em tempos futuros. Guardam-se porém as pulseiras, até ser realizado o casamento. Ao nascer o primeiro filho do casal, amarram-se, junto com a placenta, a um arbusto.

Não são todos os noivados cerimoniais que chegam a se consumir pelo casamento, podendo intervir qualquer circunstância desfavorável, ou mesmo um capricho das mães responsá-

veis. O que acabamos de descrever são os princípios do verdadeiro e original casamento Kayapó.

Alguns anos poderão passar antes que o noivado venha materializar-se em casamento, pois só é permitido possuir mulher ac guerreiro já feito, sendo ela sempre mais nova do que êle. Quando chega o tempo do jovem querer receber a sua esposa, ou antes, ser recebido por ela, manda-se um menino qualquer com um recado, para que ela, à tardezinha, esteja à espera do noivo no terreiro da casa. Dada uma resposta favorável, êle atravessa, sob a cortina da noite, a praça da aldeia, da Casa dos Homens, onde passou o dia na companhia dos outros índios, e senta-se com ela. Noite após noite, salvo quando algum ensaio, dança ou cerimônia qualquer exige a sua presença em outra parte, prossegue o namôro, até que, finalmente, com o presente de uma esteira nova, a nupcial, é permitido ao noivo ter seu lugar na casa materna da noiva. Tendo ela apenas uns dez anos de idade, a mocinha acaba de crescer sob o cuidado vigilante (e as vêzes ciumento) do noivo, que caça e pesca para ela (e para a sogra) e acaba de criá-la ac seu próprio gôsto. Com a puberdade da noiva, vem a consumação do casamento, e cabe ao esposo fazer uma confissão pública do que aconteceu. Chama-se *men-kanrô*, o cerimonial do sangue. Convém mencionar que os índios não sabem diferenciar entre o sangue do defloramento e o da primeira menstruação.

O jovem é enfeitado com toda a regalia de guerreiro; a cabeça raspada e munida de capacete de cêra de abelha, pintado de urucú e de barro branco; às faces é aplicada uma crosta de pó azul, o corpo, pintado de genipapo. Com borduna, arco e flechas em punho, sai êle da casa materna e rodeia toda a aldeia, antes de sentar-se em frente da Casa dos Homens. Nessa cerimônia é acompanhado e paraninfado por seu "compadre". ou *kròm*, que, depois de tudo feito, leva-o, à boca da noite, ao seu lugar habitual dentro do *ngòbe*.

Enquanto não fôr consumado o casamento, refere-se à noiva como "esposa virgem", *pron printí*, mas depois, torna-se *pron kurerére*. Se fôr feliz a união e o casal permanecer junto, serão sempre "esposo verdadeiro" (*miiên djÛi*) e "esposa verdadeira" (*pron djÛi*) enquanto a vida durar. Os Kayapó são

monógamos e permanecem fiéis aos seus consórcios, salvo durante longas viagens e em certas festas que terminam com uma ergia sexual que não é considerada vergonhosa. Histórias de poligâmia que se pratica entre outras tribos, como também os casamentos com primos e cunhados que se fazem no meio civilizado, são tidos como evidência da degeneração que reina em culturas inferiores à dos Kayapó.

Com tudo isto, no vocabulário Kayapó, além dos termos *pron printí* e *pron djuí*, há *pron kaigó* que significa “mulher àtôa”, isto é, companheira, e *krô-ò-pron* para mulher clandestina, mostrando como, embora monógamos, os índios dessa tribo não aderem escrupulosamente à regra.

Entre os homens, o casamento parece ser um assunto de que não se fala em praça pública. Se, por exemplo, dentro do recinto da Casa dos Homens, alguém não esclarecido faz menção do nome de uma espôsa qualquer, uma multidão de vozes repreenderá o ofensor, por êle ter transgredido os limites da boa educação, humilhando um colega na presença de tanta gente. Quanto à mulher, não deve mostrar qualquer sinal de afeto ao seu marido se não fôr na reclusão da sua esteira. E tal reclusão é longe de ser total, pois na casa da mulher, ficam estendi das tantas esteiras quantas são as famílias que ela abriga. Tais esteiras ficam separadas umas das outras por apenas um metro de distância e um fogo que fica acêso durante a noite tôda, isto devido ao frio, aos morcegos, e às almas que vagueiam pela escuridão.

A FAMÍLIA

Geralmente os novos casados não querem que tão cedo lhes nasçam filhos. As jovens índias, nos primeiros anos de adolescência, mui naturalmente *tokrŭ pùmá*, isto é, tem medo da dor. Não ignoram os perigos do primeiro parto. Vêem o elevado grau de mortandade entre as mulheres maduras e suas proles. Recuam perante as dificuldades e inconveniências que trazem filhinhos numa vida nomádica pela selva. Mas além de tudo, com o primeiro filho os pais deixam de ser “gente nova”

e passam às fileiras de *men-benguêt*, ou “gente velha”. A Associação a esta classe nada tem com a idade da pessoa, mas simplesmente que tenha família. Aos pais estão vedadas tanto a guerra como a participação ativa nas principais festas.

É por isso que as espôsas novas empregam tudo quanto sabem para evitar a concepção. Há diversos cipós e planta que chamam *me kra kêt djó*, “aquilo que faz não ter filho”, que são ou mastigadas ou bebidas em infusão. Não há dúvida de que tais substâncias possuem alguma potência contraceptiva e é ao menos possível que façam interromper o ciclo menstrual. O assunto merece um estudo especializado. Quando falham estes meios, a índia grávida poderá recorrer a meios violentos a fim de provocar o aborto.

Se, apesar de tudo, chega a nascer um filho, os pais logo se conformam e os laços que os unem ficam mais estreitos. O homem sente uma recompensa pelo prejuízo e sacrifício do seu prestígio de guerreiro que perdeu quando ficou grávida a mulher. Depois que nasce o primeiro filho, dificilmente as mães voltam ao uso de *men kra kêt djó*, salvo em casos anormais, tempos de perseguição ou outras confusões.

Para o parto, a mulher geralmente se retira da casa para o mato mais próximo e conveniente. Vai acompanhada das suas parentas, como também de crianças e outras curiosas. Em caso de qualquer anormalidade, a parturiente está perdida pois não há conforto, asseio ou ajuda prática de qualquer espécie. O filhinho continua ligado à mãe até que, com a saída da placenta, se corta o cordão umbilical com um talo de taboquinha. Não se amarra o umbigo. Antes de sair das mãos da mãe, que é primeira a pegá-lo, o bebé recebe o primeiro banho de água fria despejada sobre ele de mão cheia, ou de bocados. Depois de limpo é entregue para outrem segurar enquanto a mãe ajunta do chão, a placenta e outros vestígios que, embrulhados em folhas, ela mesma há de levar para um lugar afastado. Voltando do mato vai banhar-se. Recolhe-se à esteira, dentro de casa, para cumprir o resguardo. Nisto, é acompanhada pelo marido, pois os Kayapó praticam a *couvade*. Os pais deixam de comer carne e peixe, alimentando-se de mel silvestre, palmito e batatas. O pai somente caçará ou participará de outros trabalhos após o filho

ko tòite, que quer dizer, ficar “de couro duro” e fora dos perigos das primeiras semanas de existência neste mundo.

Com poucos dias uma avó ou tia paterna (*kauatòì*), com uma agulha de pau, fura as orelhas do recém-nascido. Se é macho, fura-lhe também o lábio inferior. Nos buraquinhos colocam-se fios de algodão para não se fecharem com o sarar. São as *luatòì* que dão seus nomes às meninas. Os *nhinguêt*, isto é, o avô e os tios maternos, fazem o mesmo para os meninos. Seguem-se “batizados” com as cerimônias apropriadas das várias qualidades de nomes existentes. Vamos nos referir a estas, mais tarde, porém ligeiramente. Merecem um estudo especializado.

Durante este tempo o pai está cuidando de *men kra opró djó*, o enxoval do seu filho, compreendendo : —

men prire iaê a tipoia feita de fibra de buriti em que a criança vai ser carregada.

kupip uma esteira, do mesmo material.

bòri-djuuá uma série de charutos de madeira leve, de vários tamanhos, com que vão ser des-tendidos os orifícios feitos nas orelhas.

kaingré uma sacola em que guardar *men prire nekrit*, isto é, a bagagem de bebê. Além de *bòri-djuuá*, vão nesta bolsa os restos do cordão umbilical. Estes são guardados até a criança ter idade suficiente para compreender o que são. Feitas as explicações, a mãe vai deixar a bolsa, como também a tipoia, junto a um pé de piqui. Os *bòri-djuuá* serão lançados à água.

Quando se trata de um primeiro filho, *men kra kuteuá*, isto é, o primeiro filho da mulher, observa-se a cerimônia do *puté*, ou dos talos de buriti. Os compadres (*kròm*) do pai vão preparar talos de buriti, de 3 metros de comprimento, segundo o número de pais (pai e tios paternos) que a criança possui. Cada talo é cortado, *krantá*, alizado, *kakén*, e adornado, *kunhei-*

re, inclusive com um batoque figurativo que sendo apenas um pino, chamam pelo nome completo de *akò-kakô*, o batoque labial. No dia da cerimônia os mesmos compadres raspam os crâneos dos pais, e pintam-lhes os corpos de preto, da cabeça aos pés. Munidos dos talos, os pais fazem a volta do acampamento antes de passar alguns minutos sentados na frente da Séde. Os talos são amarrados à cumieira da casa onde mora o menino. Na mitologia dos Kayapó, o burití é sempre associado com altura. A idéia de amarrar os *pÛté* à cumieira da casa é para que o menino cresça muito. Cada vez que abra os olhos, verá os compridos talos de burití, e, olhando muito, há de crescer muito também!

Se por acaso a criança morre, os *pÛté* são levadas para o cemitério, onde são colocados em duas forquilhas erguidas ao lado da sepultura.

Se um primeiro filho morre, os laços matrimoniais que unem os pais, correm graves riscos. Cheio não só de tristeza, mas de desgosto devido ao vão sacrifício do estado de guerreiro, o marido é capaz de abandonar a esposa, e passar as noites na Casa dos Homens. Assim vai deixar de ser *men-benguêt*. Volta novamente às filas de *men roronùre* e toma outra mulher, desta vez da classe *men kurerére*, pois não poderá esperar por outra mocinha chegar à idade e ao tamanho necessário para casar. Em tais casamentos secundários, não há formalidades e as uniões são menos duradouras de que os casamentos originais. Quando, de manhã, o homem aparece na Séde, depois de conúbio com a nova companheira, leva no corpo sinais bem patentes de sua ventura. Nos abraços da noite, servindo-se de unhas e dentes, a mulher arranca-lhe os cabelos e arranha-lhe os ombros e a testa até sangrarem. A mesma coisa acontece àquelas que frequentam as esteiras das mulheres solteiras.

Se por outro lado, o primeiro filho sobreviver, vão seguir outros. Aparece o verdadeiro amor entre pai e mãe. O pai não deixará de cumprir todas as suas obrigações perante a Séde que frequentemente exige sua presença e cooperação. Mas vai passar mais e mais tempo em casa. Dedica mais atenção ao bem estar do seu filho, que precisa de mel e de palmito, mesmo que receba o nutrimento do seio materno. Se adoecer, é mister tratá-lo com cipós, enviras, raízes e folhas medicinais. O pai de família

empreende longas excursões na floresta enquanto os colegas de outrora, ainda *men roronüre*, ficam a conversar na Sède, treinando ou preparando-se para qualquer festa. A primeira lealdade da gente nova é ao regime da Sède; a dos *men benguêt*, à família. O lar começa a ter valor e a atrair. O homem deixa de mostrar embaraço quando visto de dia ao lado da mulher.

Nota-se porém, uma certa rivalidade entre as duas casas familiares, a da mulher, e a da mãe. Embora residindo na casa da mulher, o homem nunca se esquece de sua mãe e irmãs. E, quando a ocasião exige, vê-se que os laços de consaguinidade são mais fortes de que os de matrimônio.

Mesmo que seja casado, o homem manda para a casa materna parte da caça conseguida. A mãe e as irmãs, por sua vez, enviam bons pratos ao irmão, ao menos quando êle está na Sède. Quando os homens brigam, um com outro em grupos, são as mães e irmãs que intervêm no papel de pacificadoras e protetoras. Quando, no cultivo da valentia e espírito corajoso os homens lutam com vespões e descem das árvores cobertos de insetos furiosos, são as mães e irmãs que vão consolá-los e fazer-lhe curativos. A mulher que não tenha irmão que requeira a sua presença, deixa-se ficar em casa e contempla com indiferença as dores daquêle que é meramente seu marido !

Em ocasiões de doença leve, o homem fica na casa da mulher, mas quando sente-se em perigo de morte, volta à casa materna. Ai do homem órfão, *men-uatim*, que na hora de emergência é obrigado a confiar sua sorte à espôsa ! Nas últimas horas da vida, é no colo da irmã que o homem reclina a cabeça. Quando morre, é a irmã que vai preparar-lhe o corpo para o entêrro. É ela quem mais chora e quem mais se corta com repetidos golpes de facão na cabeça.

Da mesma forma, o homem lamenta mais a morte de uma irmã do que a da mulher. A mulher, arrazoza êle, vem e vai, sendo facilmente substituída, enquanto não há quem possa tomar o lugar de mãe ou de irmã.

Uma vez, perguntando irrefletidamente a um viuvo de poucos dias, se sentia saudades da mulher falecida, recebemos a resposta : Ela era minha irmã para eu ter saudades ?

A CASA DOS HOMENS

Central a todo o acampamento Kayapó fica a casa, a qual já fizemos várias referências, que os índios chamam *ngòbe*, feita pelos homens e para os homens. É importantíssima, pois o lugar que ocupa no plano do acampamento é figurativo da sua centralidade em tudo quanto compõe a vida da tribo. Não é sem razão que os índios já habituados ao meio civilizado chamam-na de "Séde". Tão essencial é à vida indígena que mesmo quando pacificados e localizados em postos do S.P.I. os índios Kayapó sempre cuidam de organizar a Casa dos Homens.

Na mitologia, a origem da Casa dos Homens é atribuída ao tempo em que a tribo emergiu, de vez, de um estado pacífico, quando da mansidão, tempo em que não possuíam armas. Os heróis míticos de uma luta com Oktí, o Pai dos Pássaros, consolidaram a vitória com construção de um *ngòbe* no meio da aldeia, onde os homens podiam fazer as armas de pau que inventaram, é na Séde então que ainda fazem seus arcos, flechas, lanças e cacetes. Para os rapazes e solteiros é o dormitório. Amanhece repleto de homens. Os casados passam a noite nas casas familiares que pertencem às mulheres, porém deixam as esteiras conjugais quando ainda escuro, pois o costume exige que ao romper do dia, cada qual esteja em seu lugar no *ngòbe*. Para os pais de família, a demora poderá ser pouca, mas todos devem ao menos aparecer, reunindo assim toda a força da tribo.

Numa aldeia grande, sempre há três ou quatro chefes de turma, sendo dentre eles, reconhecido um como supremo. Pode haver duas Casas de Homens, cada qual presidida por um chefe de turma, ou *men benhadjuòru*. No terreiro, entre as duas, há um espaço que permite a reunião de todos os elementos.

O cargo de chefe é conseguido pela coragem e inteligência singular, junto com o apoio proveniente de um bom número de parentes e compadres. Os índios reconhecem instintivamente o indivíduo em que se revela o dom natural de chefia. Um tuchaua deve ser homem de poucas palavras, salvo quando discursa publicamente; e de porte sério, *nó kó nhô*, isto é, carrancudo de olhar, que raramente ri. Já investigamos seriamente as possibilidades de existir, entre os Kayapó, divisões que se pos-

sa atribuir ao sol e a lua, ao nascente e poente, ao urucú ou ao genipapo, etc, etc, porém sem nada encontrar. É possível a qualquer índio passar de uma turma para outra inspirado por nada mais que capricho !

É no *ngòbe* que os chefes tomam e participam as suas decisões. Aí organizam as festas, preparam-se os enfeites, fazem a pintura, ensaiam os cânticos, aprende-se o cerimonial. É o refeitório dos homens, a “sala de visitas”. Voltando de qualquer viagem é ao *ngòbe* que os índios vão se apresentar.

No calor do dia, o ambiente da Séde é de quietude. Os homens estão pescando, caçando ou fazendo a parte que lhes pertence na divisão dos trabalhos, tais como derribar árvores, brocar mato, tirar fibras. Ficam de sentinela alguns velhos. Também algum indisposto, talvez com dcr de cabeça ou ferida no pé, que aproveita o tempo para fazer uma esteira, um capacete de penas, um cachimbo ou outro objeto qualquer.

O pessoal volta à tarde e o resto do dia é dedicado ao comer, cantar, dançar, e discursar. Os da classe guerreiros ajuntam-se no terreiro em frente da Séde. Bem perto, como pavilhão selvagem, está fincada uma lança comprida, com ponta de osso de onça, *rop-í*, enfeitada de penas de arara, *mone ará*. As vezes é o próprio chefe que faz uso da palavra, dando algum conselho ou participando alguma decisão. Ou talvez é um feiticeiro, *ôiangára*. Mas o orador mais frequente é algum valentão de outrora que possui o dom da lingua. Reconta as proezas do passado, as antas, os porcos bravos que matou, os índios de outra tribo, os cristãos. Arma na mão, vai e vem qual onça faminta numa gaiola, verdadeiro mestre do gesto e da expressão.

Há ocasiões em que o orador muda da tática. Levanta a voz e lança desafios e insultos a um inimigo imaginário que estivesse escondido nas matas ao redor do acampamento. Procura por todos os meios conservar e intensificar o espírito belicoso sem o qual a tribo deixaria de existir no sentido de índios “bravos”. De repente, com gritaria feroz, os guerreiros levantam-se do chão para executarem uma dança de guerra. Corpos meio dobrados, olhos para a frente, os pés batendo no chão com passo certo, parecem soldados fantásticos de algum pesadelo.

O Kayapó cultiva a (bravura) valentia com o mesmo afã com que o civilizado procura enriquecer. Quando se fala de "índio bravo" rende-se-lhe a homenagem que mais deseja. No seu idioma, a palavra *djokré* para bravo, feroz, valente, representa o verdadeiro ideal selvagem ao qual todos aspiram. Os pais não batem nos filhos porque não procuram domar ou discipliná-los, desejam antes encorajar nêles um espírito independente e agressivo. Estes adeptos do culto *djokré* comem a carne do sucurijú, da onça e do poraquê para que os homens tremam diante de suas palavras. O objetivo da pintura, da gritaria e dos discos de pau com que disfiguram o lábio inferior, *akò-kakô*, é para impressionar senão amedrontar qualquer inimigo. Se arrancam as pestanas é para melhor enxergar, para estarem mais alertas a qualquer perigo.

Na idade de 10 anos, mais ou menos, o jovem Kayapó deixa a esteira materna e passa a dormir no *ngòbe*, com a rapaziada. De ora avante é *men-òkre*, a gente pintada. Quando era *men-prire*, criança ainda, a mãe podia pintar-lhe o corpo à vontade dela, quanto ao desenho e ocasião. A pintura de *men-òkre*, porém, deve ser uniforme, de acôrdo com a festa ou cerimoniais como determinam os poderes da Séde. Não é mais a mãe que manda na vida do seu filho, mas sim o regime da tribo centralizado no *ngòbe*.

Por 4 ou 5 anos o rapazinho há de seguir um aprendizado que é muitas vezes duro e exigente. Na ausência de qualquer "pacificação" a única educação que vai receber será dos seus mestres *ngòbe*. Vai aprender tudo quanto há de necessário para vida nas florestas. Aprenderá pescar, caçar e andar na mata. Vai conhecer as árvores, as palhas, os cipós e seus usos particulares. Vai aprender a fazer as suas próprias armas e ficar perito no uso e no manejo das mesmas. Vai aprender a fazer tecidos de fibra, de cipó e de palha. Vai aprender os mitos, canções e rezas tradicionais. Vai assistir as cerimônias, as festas, as danças e tudo quanto compõe a vida de índio.

Por meio de exemplo, disciplina e ensino, os adultos procuram desenvolver nos aprendizados o espírito e índole *djokré*. O tuchaua de vez em quando arranha-lhe os braços e as pernas, com dentes de peixe, para que tenham mais fôrça e serém mais

velozes na corrida. Passa-lhes no peito os pelos de lagarta “cabelo de macaco”, venenosíssimo, para que criem resistência contra a dor. Manda-os lutar de corpos nús com maribondos. Os meninos descem das árvores quase doidos de dor. Recebem instrução no manejo de cacête, ou borduna, a arma predileta dos Kayapó, sendo-lhes entregues para matar, cachorros magros ou manses demais para ter valor nas caçadas, e, as vezes, crianças orfanizadas ou choronas.

Quando os *men-roronûre* vão caçar, ou brigar, os *men-ôkre*, os acompanham para substituírem as *me-kurerére* na cozinha. Põem a comida preparada aos pés dos guerreiros a quem servem, comendo qualquer resto que ficar.

E não é somente o ser valente que os jovens aprendem com seus mestres na Casa dos Homens. Aprendem também costumes da tribo.

Há, por exemplo, uma festa chamada *Bô*, ou máscara de envira. Ao amanhecer do último dia dessa festa, saem da Séde dois mascarados cobertos de envira desde a cabeça até aos pés. Começam cantar, em voz falsete tal que ninguém poderá identificá-los. Dão uma volta pelo perímetro do acampamento. Das casas familiares saem as mulheres *men-kurerére* e as mocinhas *men-printí*, que organizando-se em duas filas, acompanham os homens, ora como que atraídos ora como impelidas, no rumo da Séde. Parece uma diversão pitoresca e inocente. Chegando na Séde tôdas as mulheres entram, coisa bem rara pois a Séde nunca deixa de ser a Casa dos Homens e para os homens. As mocinhas sentam-se defronte ao agrupamento dos rapazes e meninos. As mulheres novas *men-kurerére* são agarradas pelos guerreiros e violadas vez após vez em plena vista de todos. Não são apenas as mulheres solteiras que sofrem mas também as espôsas dos homens mais novos e menos valentes. Durante o resto do dia se pode notar um espírito de revolta entre os jovens assim afrontados. Nada dizem, nada fazem devido a fôrça superior dos violadores, mas, ao mesmo tempo, geram-se contendas e ciumes que contribuem substancialmente para dissensões internas que podem resultar em mortes.

As autoridades da Séde zelam constantemente pela integridade numérica da turma. Torna-se difícil para o índio des-

contente afastar-se da maloca, salvo quando é possível aliar-se com outra turma que tenha vontade e fôrça suficiente para obrigá-lo. Indivíduo ou grupos que rompem relações com um tuchaua poderoso poderam contar com uma perseguição implacável.

Um estudo da Casa dos Homens dos índios Kayapó revela a tribo como um estado totalitário, embora em pequena escala. O regime que opera por intermédio da Séde, domina o índio desde o berço até a sepultura. A liberdade do indivíduo é limitada ao âmbito do interesse geral. O indivíduo é apenas uma unidade no estado a que pertence.

O RESGUARDO DE QUEM MATOU

Não é exagêro afirmar que a ambição de todo o Kayapó ainda "bravo" é matar alguém. De tôdas as caças, o maior troféu não é a onça, ou a anta, mas uma pessoa, e, de preferência, um *kuben*; isto é, homem civilizado. O adôrno de *men-ronDre*, o guerreiro novo, não está completo se não incluir uma tatuagem no seu peito como sinal que já matou. O Kayapó mata o civilizado, principalmente para roubar-lhe a arma de fogo. E não podendo adquirir a munição por outros meios, torna a atacar e matar a fim de reabastecer a cartucheira. Contudo, o Winchester roubado nunca suplantou a arma tradicional dos índios Kayapó, a borduna, chamada por êles *kô* em ligação com um adjetivo que indica a espécie.

kô kran é a borduna curta, de 50 centímetros no máximo, empregada nas caçadas. As flechas são para as aves, ou para diminuir a corrida da vítima para que o caçador possa alcançá-la e manejar o *kô*, que faz descer com a fôrça e rapidez de um martelo-pilão.

kô rÛ é a borduna comprida, até metro e meio de comprimento, conforme o tamanho e a preferência de seu dono. É principalmente com êste tipo de arma que os índios matam as vítimas humanas. Isto devido a um certo horror de sangue de gente, de que não querem se manchar. Não acham nada de detestável no sangue de caça.

kô kangò é a borduna comprida, de corpo redondo, com ranhuras fundas e paralelas que vão de uma extremidade a outra. O cabo é geralmente, enfeitado de talas tecidas em duas côres. Outra classe de armas é o *kop*, uma espécie de cacete-espada, de lâmina chata, apontada e de dois gumes.

Os índios usam *kô kangò* não somente para matar, mas em suas brigas uns com os outros. Quando não é para matar, os golpes são dirigidos aos ombros e aos músculos do braço, em lugar de acertar a cabeça o que seria, quase sempre fatal. Gira-se o *kô* ao redor da cabeça, em grande círculo, para fazer descê-lo com mais ímpeto. A única defesa consiste em receber a pancada no ombro esquerdo com o braço apoiado nas costelas. Se o golpe atingir o oponente com o braço erguido, fratura o osso. Usualmente, os índios brigam em pares, batendo-se mutuamente até exaustos.

Quando é para matar, os índios lançam mão de arma que não lhes faça falta depois, pois deve ser abandonada, de vez, no próprio local em que tomba a vítima.

O índio que consegue matar a alguém é tido como herói e verdadeiro guerreiro. Quando volta ao acampamento, vai diretamente à Sede onde permanece, sem visitar a casa materna ou a da mulher até cumprir o resguardo, *me bin iangrí*, que a ocasião exige. O cerimonial de purificação requer vários dias. No primeiro, só faz pintar todo o corpo de urucú, como feito aos doentes para afastar qualquer espírito mau que os queira perseguir. Na manhã do dia seguinte, trata-se da tatuagem, *men onkuá bê*. Qualquer velho, conhecedor do ofício, mune-se de um caco de jumarú em que estão embutidos dentes de peixe trairão ou cachorra e faz inúmeras incisões de 1 a 2 centímetros, uma por cima de outra, em forma de um grande V, porém sem penta, que desce dos ombros em direção do umbigo. Nessas incisões emprega-se, pó de carvão, preparado de uma casca de pau parecido com a cortiça e chamada *bòri prò*. Nada mais se faz até cicatrizar os cortes. Durante esse processo, o homem não deve sair, muito menos caçar. Abstem-se de carne e de peixe. Quando os riscos saram fazem-se vários banhos de : —

<i>prin ô</i>	folhas de piquí.
<i>angòre ô</i>	folhas de uma fruteira brava.
<i>uangué nhónron</i>	envira de caraíba.

Depois dos banhos, resta esfregar os braços com *krÛt iaêm*, uma espécie de pedra miuda. Por fim, raspa-se o crânio, pinta-se todo o corpo de genipapo e o matador, com as forças recuperadas, está em condições de voltar para a mulher e a vida normal de *men-roronÛre*.

Esse resguardo será repetido, inclusive as tatuagens, para cada nova morte. É considerado o mais valente, aquele em cujo peito mais se destaquem os riscos pretos.

Na ambição de merecer essa tatuagem, é esta a razão dos Kayapó infligirem nas suas vítimas, muitos mais ferimentos do que sejam necessários para extinguir a vida. É comum os cadáveres ficarem tão disformes que se torna impossível identificar a vítima. Quando assim acontece, não é sinal de grande ódio, como alguns têm pensado, pois é impossível que mesmo um selvagem tenha ódio de uma criança inocente, por exemplo. O costume de abusar os cadáveres provém da ambição de matar e de assim conseguir a cobiçada tatuagem de honra. Todos os que participam num ataque, expondo-se ao perigo e ao risco de perder a própria vida, querem naturalmente participar dos frutos da vitória, embora seus golpes sejam desferidos em uma vítima já sem vida.

BRINCADEIRA E DIVERSÕES

Em Kayapó a palavra para "brincar" é *bitiaêri*, derivada de *aêri* que significa "espantar". Vejam o cachorrinho que vai girando como um pião, à caça do próprio rabo, e, gritando de dor quando afinal consegue morder-se! Vejam os meninos que correm, um atrás do outro, gritando, pulando, batendo, chorando. Tanto o cachorrinho como os meninos estão se espantando! É isto *bitiaêri*.

Os adultos raramente brincam. A brincadeira é imprópria àquêles que usam o *akò-kakô*, pois a idéia do batque no lábio

não é divertir mas de amedrontar. Compete aos homens cultivar a expressão dura, conhecida por *nó kó nhô*, a sobrelha franzida. *Bitiaêri*, então, pertence às crianças.

BRINQUEDOS : —

Os jovens Kayapó dispõem de bem poucos brinquedos propriamente ditos. Brincam principalmente, com medêlos diminutos de tudo quanto os pais fabricam. O divertimento torna-se assim um meio de aprender.

Não é raro ver, por exemplo, um menino de colo, lançando as suas flechinhas nos pintainhos que piam ao redor. Enquanto a mãe vai apanhar as flechas, o pequenino atirador, reclinado na tipóia, aproveita o tempo para se envigorar no peito materno.

As meninas não conhecem bonecas, porém andam com pequenas tipóias de envira, onde acariciam os “filhos” que são figurados por jirimú e cabacinhas.

Os pais fabricam pequenas esteiras, cestos, paneiros e remos. As crianças fazem pequenas casas e canoas, remando em terra as embarcações que ajeitam de alguma espata de palmeira. Cêdo os meninos aprendem a tecer fibras e palhas, confeccionando abanos, corôas, pulseiras e outros artigos engraçados e engenhosos. De cêra de abelha fazem figuras de peixes e animais. Pegam insetos vivos, fazendo-os andar ou voar com carga.

As diversões caseiras são poucas, devido à falta de espaço ao redor das esteiras familiares, e à desaprovação dos homens de beijo grande na Séde, a qualquer excesso de riso ou outro entusiasmo infantil. É natural que a melhor brincadeira seja ao ar livre, onde a gurizada pode se reunir para atirar flechas num tóro de bananeira, bater petecas de palha de milho, girar lâminas de pau amarradas à ponta de um metro de cordão, que os curumins chamam de *men-karon*, alma da gente.

HÓQUEI (*aben bê ôpuit*)

É no terreiro do acampamento Kayapó que se joga o que facilmente terá sido o princípio do hóquei praticado pelo homem esportivo civilizado. Dois conjuntos de meninos e rapazes

munem-se de tacos e de bolas que são simplesmente côcos de babaçú, *ron kran*, sendo estas em número igual aos jogadores de cada lado. O conjunto que tem as bolas, forma uma fileira, com as bolas nos pés, em posição de serem arremessadas como taco rumo às canelas dos oponentes, que esperam o tiroteio em duas ou três linhas curtas, uma após outra, sendo a primeira a uns 10 metros dos atiradores. Antes de impulsionar as bolas, batem repetidas vezes no chão, e gritam até o momento de atirar. Os assaltos são de pouca duração; cada partido à sua vez recupera as bolas e as arremessa nas linhas inimigas.

Uma variante é a dos dois conjuntos jogarem com uma bola só, sem balisa, sem árbitro e sem regras senão que a bola deva ficar em movimento tanto quanto possível. Aclamam um tiro certo na canela de um oponente como se fosse um gol.

Não é de admirar que os guerreiros Kayapó sejam tão terrivelmente peritos no manejo do tacape, pois desde a infância aprendem brincando, treinam no campo de bela para o de batalha.

LUTA CORPORAL (*aben ôkê*)

A luta corporal é uma diversão especial para os guerreiros novos. Sômente não é mais popular porque os homens não querem arriscar seu prestígio pessoal em circunstâncias que lhes podem ser adversas. Visto que, no lutar um tem que perder, os *men-ronÛre* não demonstram entusiasmo, salvo em raras ocasiões. Para a luta os guerreiros acomodam-se num local fronteiro à Sede. O desafio é livre e sem palavras. Basta qualquer um dêles estender a mão, indicar o oponente e levá-lo para a frente. Os adversários agarram-se mutuamente pela cintura, fechando as mãos por trás. Isto sem pressa alguma, pois a luta começa sômente quando ambos se sentem bem firmados de mãos e pés. Suspendem, dobram, torcem um ao outro, porém sem modificar as posições das mãos. Os assaltos são de pouca duração, pois terminam logo que um dos lutadores perca o equilíbrio e toque o chão com o corpo. Nota-se a completa ausência de comentários, e muito mais, da gritaria que quase sempre acompanha as atividales dos Kayapó.

BATALHA DE FOGO (*kuuÛ krait-ó aben kabê*)

Em noites claras, os meninos podem juntar-se num lugar algo afastado da Sede. O local ideal seria o terreiro limpo no meio do acampamento, não fossem os olhares carrancudos que vêm da Casa dos Homens. Todos se armam de quanta lenha em brasa possam apanhar das fogueiras domésticas. Separados por uns 20 metros, dois grupos começam a trocar desafio antes de arremessar os tições. Os paus, com fogo são lançados, deixando no ar rastros de faiscas; enquanto os combatentes pulam de um lado para o outro, gritando sempre, ora de triunfo quando é atingido um rival, ora medo quando em perigo. O entusiasmo desaparece na medida que as brasas vão se apagando e não podem ser substituídas, devido aos protestos das mulheres que, embora parentas, não consentem em ficar sem fogo. É o momento dos meninos se recolherem às esteiras de dormir, para assoprarem as queimaduras ou procurarem quem lhes faça um curativo de fumo na Casa dos Homens.

ESPINGARDAS DE PRESSÃO (*katenbòri pa ó men abenôdjá*)

O mamão, em lingua Kayapó, é *katen-bòri*, “abóbora de haste”. O talo ôco da folha de mamoeiro é muito apropriado para o fabrico de espingardinhas de pressão. O cano é feito do talo entaniçado com envira para não rachar facilmente. A munição é de miôlo de maniva. Uma vareta empurra bucha, que é de raspa de maniva, e esta, comprimindo o ar, faz expelir a bala com um ligeiro estalo. Quando os meninos cançam de “espan-tar” uns aos outros, viram a bôca da arma contra moscas, aranhas e sapos.

CABO DE GUERRA (*men abenbê kukiie*)

Acostumados a matar e a ver mortos desde os mais tenros anos, o menino Kayapó cêdo torna-se indiferente ao sofrimento alheio. As vezes pegam um urubú, crivam-o de flechas pequenas, sem matá-lo. Queimam-lhe os olhos. Amarram um cipó

verde a cada asa-com-pena da ave, e dividindo-se em dois grupos organizam um “cabo de guerra” puxando os cipós até rasgar o urubú.

ARREMESSO DE DARDOS

Dois conjuntos de rapazinhos, sentados de cócoras, se enfrentam ocupando os lados opostos do campo circular no meio do acampamento. Levanta-se um dêles lançando os costumeiros desafios, com meia dúzia de flechas em punho de ponta emboçada com cêra ou palha de milho a fim de amenizar o perigo de ferimentos graves. Um oponente, semelhantemente armado responde sem demora e corre a seu encontro, lançando os dardos com todo o ímpeto possível, rumo ao desafiante que não revida. Apenas torce o corpo, ou pula de um para outro lado a fim de não ser atingido. Quando isto ocorre, deve considerar-se vencido e abandonar suas armas ao vencedor. Se porém, até a quarta ou quinta flecha, não tiver conseguido um tiro certo, o atacante deixará de avançar muito, para não ficar demasiadamente perto quando fôr a vez do outro retribuir o ataque. Tendo ganho a partida, o vencedor deixará que outro par entre em luta, para após disputar com vencedor, e assim todos se enfrentam até surgir o campeão.

BRIGAR COM MARIBONDOS

Brigar com moribondos (*ami-Û*) é divertimento somente para aquêles que assistem de uma certa distância, mas, de vez em quando, seguindo o exemplo de *men-roronÛre*, os meninos aspiram dar combate a *men-kuridjÛi*, os “inimigos” como os índios chamam aos moribondos que infestam as árvores.

Trepam de dois a dois, levando entre os dentes um pedaço de pau com que devem quebrar a casa dos maribondos. Os primeiros aspirantes sobem com coragem e confiança, pois o “inimigo” está quieto e nada sabe, por enquanto, do ataque. Mas para os demais, o caminho é muito mais dificultoso, pois os vespões estão alertas e enfurecidos. A aproximação é hesitante, a

subida laboriosa, a chegada quase impossível. Sòmente a descida é animada, e isto com a rapidez de um gato escaldado. O entusiasmo decresce, ao mesmo tempo que aumentam os gritos dos que foram picados demais. Ao pé da árvore esperam as mães e irmãs para receber os seus heroizinhos que trazem o corpo coberto de insetos enraivecidos, chcrando com êles para suavizar a dor.

A FESTA DA CASTANHA NOVA (*pin-Û ó krinmein*)

A castanha do Pará amadurece ao fim do verão, porém não cai das altas castanheiras até que as chuvas pesadas do inverno venham amolecer o talo que segura o ouriço pelo “umbigo”. O sabor das amêndoas novas *pin Û karó*, é tal que as índias não medem sacrifícios para obtê-las antes do tempo quando hão de cair ao chão por meios naturais. Cabe às índias a responsabilidade de colhêr as castanhas, assim como tôdas as frutas, e elas podem até derribar as gigantescas árvores a fim de se servirem das amêndoas desejadas. Mas não é sem algum remorso que o fazem, não por ser proibido por lei, pois desta nada conhecem, mas porque conhecem o valor da castanheira na economia da tribo. Sabem que o meio legítimo de adquirir *pin Û karó* é mediante os meninos a cujos espíritos intrépidos e corpos ágeis os arranha-céus da floresta não oferecem problema sério, antes, fornecem, todos os anos, uma ótima oportuni-
dade de divertir-se útilmente.

Cêdo de manhã saem rumo ao castanhal. Sendo as árvores grossas demais para serem escaladas pelos meios comuns, como acontece, por exemplo, com o açazeiro (*kamêrekók*), os meninos sobem pelos cipós que descem da copa. Os veteranos do ano prêvio animam os novatos com gritos de “Não olha em baixo” mas, se, apesar de todos os conselhos alguém chega a recuar e descer, chamam-no de *nó kará*, “olhos tontos”. Para remover os ouriços é preciso muito cuidado. Soubemos de um caso em que um rapaz desequilibrou-se e caiu à terra de uma altura de 50 metros.

Os ouriços, são logo abertos e as amêndoas depois de descascadas enfiadas em cordões de envira, à maneira de colares. Ornados com êstes colares, os meninos voltam para casa onde as mães e irmãs aguardam ansiosamente os primeiros *pîn Ū karó* do ano. Na Sede também aguardam os homens, cujo apetite pelas castanhas novas não é menor do que o das mulheres, o que os dispõem a tomar à força, se necessário os preciosos colares. Cientes disto, os meninos recorrem à astúcia, fazendo sinais como quem esteja para chegar de um certo rumo no acampamento, mas isto somente para decepcionar os *men-ro-roñŭre*. Dado o alarme, os meninos invadem a aldeia de outra direção, e, se bem sucedidos, chegam triunfantes ao destino desejado.

NA ÁGUA

Não é somente no terreiro que os jovens índios brincam. O rio também é lugar de bom divertimento. Os Kayapó de ambos os sexos banham-se várias vezes por dia, as mulheres todas as vezes que vão buscar água nas pequenas vasilhas. Ao nosso índio, o banho não é tanto para lavar o corpo, como para esfriá-lo. Considera, então, um absurdo o uso de toalha. "Para que refrescar o corpo e logo depois, apagar toda a frescura por meio de toalha?"

Em tempos de doenças, especialmente de febre alta, é difícil convencê-los que o banho frio e prolongado poderá levar às piores consequências.

Peritos no nado, sem exceção, fazem numerosas fintas na água, onde um galho de pau pode servir de trampolim e um cipó grosso, de trapésio, dos quais saltam, fazendo volteios. As mulheres novas brincam "plantando maniva" (*kuòrudjá kré*) na água rasa. Com as mãos no fundo erguem o corpo, deixando fora dessa somente as pernas. Deixam então caí-las, fechadas, prendendo ar no colo invertido. Com o embate nágua, resulta um estalo surdo como no bater de palmas. E é assim que a maniva está plantada!

CANTAR E DANÇAR

O divertimento predileto dos índios Kayapó é inegavelmente o cantar (*men ngrêri*) e o dançar (*men tóro*). Sabemos de um caso em que foi poupada a vida de um menino negro (cujos pais foram trucidados) unicamente porque êle sabia cantar e os índios queriam aprender as modinhas que entoava como mestre. É difícil distinguir entre cantar e dançar, porque como os jovens aprendem brincando, os índios quase sempre cantam dançando e vice-versa.

Algumas canções são entoadas em qualquer lugar e a qualquer surto de vontade. São as denominadas *kuòru-kangô*, ou “água da mandioca”, a que nos referiremos mais adiante. As palavras dessas canções são destituídas de sentido, não sendo de linguagem inteligível aos que cantam. São canções de outras tribos, adquiridas de cativos ou em visitas a malocas vizinhas; há modinhas e até hinos cristãos aprendidos com os civilizados. Nas canções figuram sons completamente estranhos à língua Kayapó, como por exemplo, o aspirado inglês.

m.hê iurá, m.hê iurá;
etc.

ri hô ri, uaitobá;
etc.

Há também muita repetição de sílabas que não tem significação.

yô pu ru ru ru ru, yô pu ru ru ru ru
etc.

wi wi wi nowá, wi wi wi nowá
nadé wi nowá, wari na winó winó wá
etc.

Outra classe de canções, chamadas *men bi iôk*, tem os versos inteligíveis e em linguagem comum. São exclusivas das mulheres. Algumas canções tratam de peixes e animais, abe-

lhas e castanhas. São compostas pelos *ôaingára*, ou pajés, que de vez em quando modificam o repertório introduzindo letras novas adaptadas às melodias tradicionais. Nesta classe estão as rezas, executadas pelos homens em unísono, em voz muito grave e gutural. Para melhor efeito os rezadores sentam-se bem juntos uns aos outros, numa casa fechada, que faz ressoar as vozes como trovão. Rezam para chamar às vizinhanças do acampamento as antas que querem matar no dia seguinte. Rezam para intensificar a ação venenosa do timbó (*akrô*) com que vão tinguir as águas dos igarapés e entradas para pescar.

Canta-se quase sempre ao ar livre, de pé com os braços, pernas e todo corpo aproveitando ao máximo o tempo da música e o ritmo das palavras. Não existem entre eles instrumentos de música que lhes sejam nativos, salvo o maracá (*ngô kon*) e a buzina de taboca (*poti*). Para o cerimonial *men-kamrô*, os espôsos, durante as danças, andam com dois cacetinhos que batem, um contra outro, e que se chama *men uémôrudjô*, "coisas que a gente bate". Certos efeitos sonoros, são obtidos de cintas confeccionadas de unhas de anta e chocalhos.

Com certas exceções, dançar durante o calor do dia oferece pouca atração, sendo as horas mais apropriadas à tardezinha, à bôca da noite, e de madrugada. Geralmente os dançadores seguem um caminho circular, maior ou menor conforme o número de participantes. Dançam em fila um após o outro, com o corpo virado para o centro da roda. Existe uma infinidade de passos, porém sempre fazendo seguir uma batida mais forte por outra leve, para acompanhar o ritmo das palavras cantadas com ênfase em sílabas alternadas.

Homens e mulheres nunca dançam juntos, isto é, abraçados à moda civilizada. A regra é homens com homens e mulheres com mulheres, cada qual na sua classe, seja de *men roronÛre*, de *men kurerére*, de *men printi* ou de *men benguêt*. Há ocasiões em que os sexos se misturam, de braços dados numa linha reta, principalmente quando os homens estão ensinando uma canção nova.

Os homens gostam de dançar com alguma coisa na mão direita, ou deitado ao ombro, preferivelmente uma arma de fogo, e quando não, um tacape, uma simples flecha ou um remo.

Quando as mulheres cantam *men bi iôk*, movimentam os braços, fazendo as mãos subir e descer como em súplica. Quando os homens estão dançando em roda, e as mulheres são poucas, elas se organizam em fileira que tangenciam ao círculo dos homens e acompanham a cantoria. As mulheres cantam *onkré nhôt*, isto é, com a ponta dos órgãos vocais enquanto os homens cantam *onkré krait*, isto é, com o pé dos órgãos vocais. Nada sabem de harmonia de primeira e segunda voz. As mulheres apenas cantam uma oitava acima da voz baixa de seus companheiros.

Nas danças maiores, as *men-kurerére*, e as *men printí* formam filas separadas, em forma curvada, semi-circular ou até de círculo completo conforme o número de dançadores. Cada roda, ou parte incompleta de roda assim formada, vai funcionar por dentro de outras rodas semelhantes, mas que circundam em direção contrária, dando a impressão de rodas dentro de rodas, qual relógio de peças vivas.

FESTAS

Todos os anos realizam uma variedade de festas que os índios não tomam como divertimento, ou brincadeira, mas sim, parte de *mebengokré kukròdjó*, uma frase que descreve o conjunto dos membros do corpo humano e ao mesmo tempo, o conjunto de tudo quanto existe na vida coletiva da tribo Kayapó. Para o civilizado não informado, essas festas, com os mastros e as máscaras, as danças e os cânticos, os enfeites e pinturas podem parecer um simples passa-tempo de gente primitiva. Na realidade elas tem uma fase quase religiosa em acôrdo com os costumes e crenças tradicionais. Sem essas festas, nenhuma das quais é casual ou extemporânea, os Kayapó deixariam de funcionar como uma tribo, embora continuando a existir como gente.

As festas principais e mais comuns são da classe *men kra iêri meit*, uma série de formalidades complicadas em natureza de batizado e iniciação, não tanto na tribo como no agrupamento daquêles que possuem a mesma classe de nome. Dos nomes masculinos, os mais importantes começam ou com os prefixos

Bep ou *Tokok*. Assim, nomes como *Bepront*; *Bepròit*; *Tokoktô*; *Tokokdjó*. Há, a festa do *Bep*, ou *Bemp*, como há festa do *Tokok*.

Entre as mulheres, os nomes começam com as sílabas *Iré*-, *Nhok*-. . *Ngrei*-, *Kôkô*-, cada qual com a sua festa própria.

Um menino *Bep* usa nas orelhas um enfeite de *kadjôt*, algodão, enquanto o *Tokok* usa de madre-pérola. Observam-se também na alimentação certos tabús. O *Bep* nunca deve comer uma arara, entre as aves, ou um mambará entre os peixes. Parece que há uma relação qualquer entre o *Bep* e a arara (*môn kamrik*) pois ao morrer é enfeitado com penas de arara em feitiço de asas para ser sepultado. No dia seguinte os compadres se enfeitam como araras (*kuben môn*. . . *fazer-se arara*) e executam uma dança especial na frente da casa do finado.

Outras festas que não são em natureza de batizado incluem :—

- | | |
|---------------------|--|
| <i>men in tŭkre</i> | A dos noivados, a que referimos no capítulo sôbre o casamento. |
| <i>men kamrô</i> | A dos esposos novos, também mencionada no capítulo sôbre o casamento. |
| <i>men bi iôk</i> | Festa exclusiva das mulheres em comemoração do tempo em que se transformaram em peixes e deixaram os homens tristes e sós neste mundo. |
| bô | Festa em que dois homens dançam e cantam mascarados de envira, da cabeça aos pés, terminando, na última manhã, em orgia sexual como descrita no capítulo sôbre A Casa dos Homens. |
| <i>kuòru kangô</i> | Festa do Tucupí. As canções desta, são usadas em todas as festas; segundo nos parece, toma o nome da prática de certos homens beber o tucupí, a água de mandioca e outros ingredientes, a fim de ficarem <i>aiban</i> , isto é, intoxicados e depois, mais valentes. A intoxicação é tal que os leva a passar dias e noites na mata. |

baiÛ

A Festa do Milho, é a mais escrupulosamente observada todos os anos. Ao fim do verão, não existe mais milho no acampamento salvo o que está guardado em bolsas de buriú (*kaingré*) para o plantio. Plantado tudo, as mulheres sentem a sua falta, como se fosse a de um filho que morreu, o fato que obriga a um “resguardo”. Como *men bin iangrí* segue a qualquer morte feita por um guerreiro, há *men bit iangrí*, o resguardo de quem ficou sozinho neste mundo, isto é, de viuvo, ou viuva; ou de quem perdeu um filho. No mesmo sentido existe o estado coletivo de *baiÛ angrí*, luto pelo milho plantado. Na mitologia Kayapó, o milho é quase sagrado, especialmente *baiÛ kumren* que é uma variedade desconhecida no meio civilizado, cujo milho comum os índios chamam *Û karürù*, o “claro”. As cerimônias do *baiÛ angrí* acompanham o milho desde o plantio até a colheita, com a idéia de proteger o precioso legado que pertence a tribo desde tempos remotos, segundo conta o mito da descoberta do milho que os índios chamam *baiù Ûrù*.

Antes de começar qualquer festa, os homens vão caçar, deixando no acampamento somente as mulheres, crianças e alguns velhos. Voltam depois de 2 ou 3 semanas trazendo abundância de carne e peixe, moquiados, salvos os jabotís que transportam vivos, amarrados em varas de 10 até 20 jabotís, um pêso que somente os mais fortes podem carregar. Há sempre um dono da festa, responsável pela comida.

As cerimônias variam segundo a natureza da festa, assim como os enfeites principais, mas a última noite, geralmente sincronizada com a lua cheia, sempre segue o mesmo curso e procedimento.

Poucos minutos antes do pôr do sol, os homens saem da Sede, e das habitações as mulheres e crianças enfeitadas com todos os adôrnos disponíveis. Formam-se sem confusão e sem gritaria em procissão solene. As autoridades da tribo fazem questão que todos participem, como govêrno que pede um voto de confiança da câmara, sendo as únicas exceções os doentes e as velhinhas cuja choradeira é tão necessária na festa como o tocar na buzina, o tinir de maracá, a gritaria de orador e o ja-

botí assado. As velhas, coitadas, comovidas pela beleza e pompa da ocasião, choram de saudades daquilo que já foi, os anos da juventude, à memória saudosa daquêles que participaram de festas anteriores, mas que morreram. Choram também para ensinar as mulheres novas como é o verdadeiro choro das índias Kayapó.

Com a saída da lua, a pompa e dignidade processional vai se tornando em dança cantada, em prova de força e resistência de voz, de tudo, pois há de continuar durante a noite tôda. Hora após hora, caminham pelo mesmo trilho arredondado, que vai ficando mais fundo com cada pé que bate. Canta-se repetidas vêzes cada cantiga, sem porém ficar monótona demais ou sem graça, pois o dirigente está sempre pronto a mudar de número no momento próprio. Os dançantes pausam somente para envigorar-se de jabotí assado, ou para um ligeiro mergulho nas águas do rio que, banhadas de luar, tem um aspecto "encantado" o qual poderá ter inspirado as lendas de gente que banhando-se assume outra forma. Nas horas frias da madrugada, diminui a longa cauda de dançantes, pois os fracos vão se retirando às escondidas. Mas com o cantar do galo, reaparecem. Os olhos avermelhados não sentem mais sono, nem os peitos e gargantas a rouquidão. As vozes cantam com novo entusiasmo, os pés batem com uma força que faz estremecer a terra, e isto até que a saída do sol despede todos ao repouso das suas esteiras. A festa está terminada.

CRENÇAS E TEMORES

Como os demais índios brasileiros, os Kayapó não têm religião no sentido de culto prestado a Deus, ou um sistema de fé ou adoração. Não têm noção de um Sér Supremo. Não temem o Tupan dos seus patricios tupís. Não possuem ídolos ou imagens. Não conhecem o jurupari ou anhangá. Mas não existe Kayapó que não creia num mundo invisível, nem um sequer que acredite que a morte fará terminar a sua existência.

Não que haja no idioma Kayapó uma palavra sinônima ao nosso "crer". O índio não "crê", apenas "ouve" (*mári*). O ín-

dio não “sabe” nem “conhece”. Apenas “vê” (pumun). Quando ouve sem acreditar, diz que não ouviu. Quando vê sem chegar a conhecer, diz que não viu.

Quanto ao mundo espiritual, quase nada há que se possa vêr, sem que sejam os efeitos visíveis de poderes invisíveis. Mas há muito para “ouvir” e isto não somente pelo ouvido que é apenas uma porta, um meio de ouvir. Ouvido, cu *ama-kré*, é a abertura (*kré*) que conduz ao fígado (*ma*) que é a sede de tôdas as afeições (saudades é *ôamá*). É no fígado, então, que o nosso Kayapó presencia o mundo invisível. Para êle não existe dúvidas. O invisível é um fato.

A base da sua “fé” não é um Deus, Pai e Criador dos céus e da terra, Autor de todo o bem, mas sim a crença na existência de inúmeros poderes invisíveis, todos malignos cuja única preocupação é perseguir aos vivos. É uma fé que produz medo, embora que no exterior o índio seja tão feroz e destemido. É possível que o culto do espírito *djokrê*, de braveza, não seja senão uma tentativa de neutralizar e conquistar os temores que surgindo do seu fígado, constantemente o ameaçam. Intimidar e vencer inimigos de carne e osso é relativamente fácil, mas a defesa contra inimigos espirituais é difícil.

Estes inimigos são os seguintes : —

- | | |
|---------------------|---|
| a) <i>men karon</i> | almas |
| b) <i>men Ūdjù</i> | feitiços |
| c) <i>mrŪ kaòk</i> | <i>mrù</i> animal; <i>kaòk</i> falso, imitação
monstro mítico das águas. |
| d) <i>akránre</i> | <i>ave mítica</i> . |

a) *men karon* O que nós chamamos a alma, é para o Kayapó o *kadjŪi*, o homem-interior. O *kadjŪi* da lanterna são as pilhas, do rifle, as balas. É com a morte que se vira *men karon* e pela morte, um tuchaua ou parente qualquer pode tornar-se inimigo e perseguidor, isto devido a pena que teve ao deixar a vida, e ao ciúme que sente daquêles que continuam no mundo dos vivos. O resultado é doença e conseqüentemente, a morte. Diante dessa crença, que resta aos vivos fazerem senão

procurar meios de amansar e aplacar os mortos, para se livrar de seus ataques ?

b) *djudjÛ* (mana) Isto é um poder maligno, um feitiço, projetado à vontade por pessoa (*men ùdjÛ*) ou animal (*mrÛ djjudjÛQ*, com ou sem meios materiais. É interessante ser o nome quase idêntico ao em uso no continente negro (*juju inglês*). *Kuben djÛdjÛ* (feitiço de cristão) é a qualidade mais forte. Aos encantamentos do civilizado se atribue tanto a malária como a gripe, não sem certa razão. Como aos primeiros contatos com o mundo de fora, os índios adoecem e morrem em grande número, é natural que cheguem à conclusão de que as epidemias são lançadas contra êles de propósito. O *djÛdjÛ* do civilizado está escondido em seus perfumes e tempêros, na gasolina, e nas caixas de mercadorias com que faz o pretexto de agradar os índios.

Há também animais feiticeiros, tais como o jabotí e o macaco guariba. O porco queixada também é perigoso mercante de *djÛdjÛ*. Ai da criança doente cujo parente coma carne de porco-queixada, mesmo que seja numa aldeia distante. Já vimos culparem um magote de bodes, de casos de epilepsia, estupor e convulsões.

c) *mrÛ kaòk*. Monstro das águas, uma cobra grande, que ninguém chega a ver mas que, as vezes, se ouve e cheira. Causa a congestão e síncope.

d) *akránre*. Ave a que se atribue a origem da doença em geral. A mesma ave causa o rigor que acompanha o impudismo, e os desabamentos de terra nas encostas das serras.

A primeira linha de defesa contra todos êsses inimigos é a coletividade (herd-instinct) que é a norma entre os Kayapó por todas as ocasiões. Nascem e morrem um por um porém entre o berço e a sepultura vivem na horda, sejam as crianças no brincar, as mulheres na colheita de frutas silvestres, os homens na pesca e caçada; seja no terreiro da Casa dos Homens, no rio ou na mata; de dia no serviço ou de noite nas casas familiares, a vida é coletiva. Ninguém gosta de estar só, muito menos procura o privado. Se no mundo dos civilizados é a união que faz a fôrça, quanto mais naquelas matas seculares, naquêles espaços infindos entre rio e rio, serra e serra, é a coletividade que

inspira coragem, não somente para enfrentar os perigos da vida material mas as ameaças que vem de *men karon* ?

Quando pela morte o espírito de alguém arremessa-se ao mundo invisível, os vivos despedem-no com extraordinário pranto. As cunhãs choram, gritam e se flagelam com varas, pedras e facões. O sangue das contusões mistura-se com as lágrimas. Não podemos duvidar que as mães que perdem seus filhinhos não sintam uma tristeza profundíssima. Porém, as lágrimas, os gritos e os golpes, assim como as canções e danças fúnebres têm por intuito agradar o espírito do defunto e fazer com que ele vá embora sem molestar os seus amigos. E para não prejudicar uma saída rápida, não se pronuncia jamais o nome do finado.

Os guerreiros empregam outra estratégia na despedida de colegas. Fazem capacetes de palha e executam uma marcha como quando treinando para luta. Reunidos ao redor do cadáver cantam em voz áspera, tom desafiador e porte feroz. Terminada a canção, com tremendo grito final, lançam-lhe aos pés os capacetes, como quem está desafiando a própria Morte. Daí se dispersam, deixando aos parentes completar o entêrro. Se o espírito não responde às lágrimas das cunhãs, é crença que irá embora diante a firmeza e decisão dos guerreiros.

Durante certo verão, o índio *BeprŪtĩ* trabalhou com os outros para preparar um roçado. Como de costume, foi sua mulher quem fez o plantio. Quando o milho estava para amadurecer, *BeprŪtĩ* faleceu. Uma semana depois, os poderes da Casa dos Homens resolveram que o milho verde fosse tomado pelos rapazes para ser consumido na Sede. Mas não foi sem algum remorso que invadiram a lavoura *uatim* (órfã). De madrugada foram executar uma dança, como na ocasião do entêrro que relatamos, para amansar o *men karon*, que embora invisível, podia estar presenciando a pilhagem.

Quando alguém adoecer, o primeiro pensamento é que o responsável é *men karon* e recorre-se logo a um ou outro antídoto. O primeiro é o urucú (*pŪ*) que se passa pelo corpo todo. O uso de *pŪ*, tão popular e comum em todos os enfeites, é muito mais que um simples adôrnco. Fornece proteção contra *men karon*.

Da mesma maneira o uso de tabaco, é muito mais que diversão ou vício. Faz fugir *men karon*. O hábito de fumar é mais comum entre as mulheres do que entre os homens, e não se encontra uma sequer que não fume desde mocinha. As meninas, que se consideram mais sujeitas a ataques de espíritos do que os meninos antes dos rapazes da mesma idade.

Conhecemos o caso de uma menina que fugiu do acampamento depois de uma alteração com umas cunhãs velhas. Querendo chegar à casa de civilizados conhecidos, a pequena tinha que fazer uma viagem de três dias, por um caminho que atravessa um acampamento abandonado onde morreram alguns doentes que não foram sepultados. Muito naturalmente, a mocinha fez um grande desvio para evitar aquêle lugar, mas além d'isto, cobriu-se de uma verdadeira cortina de fumo, tão grande era o seu medo das almas que infestavam o local. Quando afinal alcançou a casa amiga, além do cachimbo não prestar mais, a bôca da cunhantan estava tão queimada que não tolerava mais comida alguma.

Além desse poder protetor contra os espíritos, o tabaco é, ao índio, o primeiro remédio para a desinfecção de ferimentos e contusões.

A resina de almécega (*ròm*) é empregada na proteção de menores. Por exemplo, todas as mães dedicadas conservam bem raspada a parte frontal do crânio de seus filhos e traça, sôbre a pele um desenho em tinta prêta, sempre coroadado de *ròm* cheiroso, para afugentar qualquer espírito que queira mal a criança.

Contra o monstro das águas *mrÛ kaòk* encontramos apenas um talismã, a semente de cumarú, *krempe Û*, que se usa enfiada no orifício da orelha.

Quando êsses meios falham recorre-se ao pajé, *men ôaiangára*. Numa turma de 200 índios poderá haver 2 ou 3 *ôaiangá*, geralmente homens de certa idade. Também algumas índias velhas seguem a vocação. Cada qual pretende "ouvir" (*mári*) o *men karon* ou o espírito de algum animal ou reptil, tais como a guariba, porco-queixada, cobra ou *mrÛ kaòk*. Indivíduos que dão a impressão de serem em tudo normais, de tempos em tempos são vítimas de ataques súbitos que os fazem correr ao redor do acampamento com o olhar vago do sonâmbulo, atirando

flechas ou tições de fogo. Nêste estado podem passar dias e noites inteiras vagueando pelo mato. Estão *aiban*, intoxicados, porém segundo os índos, sob a influência de *men karon*.

Investigamos a possibilidade dêles terem ingerido alguma coisa intoxicante, e neste sentido, o *kuòru kangô* ou “água de mandioca” que dá nome às canções mais comuns do repertório Kayapó. Nunca chegamos a ver qualquer pessoa se servir de *kuòru kangô*, porém certos informantes, alegandó o costume ter sido praticado por outras turmas de índios Kayapó, ou em tempos remotos, indicaram a seguinte fórmula :

<i>kuòru kangô</i>	água de mandioca, tucupí
<i>bòri Û</i>	pimenta
<i>ropre nhin katonkre</i>	excremento de cachorro; <i>katonkre</i> é a palavra para espingarda ou pipocar.
<i>mrÛ kangô</i>	água de caça, isto é, a água em que se lavou os intestinos da caça.
<i>pin Û kangô</i>	leite de castanha do Pará.

Afirma-se que os índios que aspiram à suprema valentia ou “ouvir” a *men karon*, ingerem essa bebida e ficam *aiban*.

A função do *ôaiangá* é extrair o *men ÛdjÛ*, o que faz, principalmente por meio de succões. Tendo localizado a dor o pajé trata de remover o corpo estranho introduzido pelo feitiço. Já vimos “remover” insetos vivos, espinhas de peixe, e sarro de tabaco que o operador expele da boca depois de chupar. O curador jamais fica sem meios para se desculpar de qualquer mau êxito nos seus trabalhos. Falhar não é perder prestígio. Se depois de uma operação, a dor continua. Simplesmente, ficou mais sarro, outras espinhas, ou um segundo ou terceiro inseto por extrair, o que exige nova operação pela qual o *ôaiangá* pedirá outro pagamento, pois nada faz de graça. Torna-se o único capitalista na comunidade.

Parece que o pajé engana-se a si mesmo como aos seus pacientes. Cada qual acredita nos poderes do outro e sem dúvida, em seu coração lamenta o fato que de tôda a profissão, sômente êle tenha que recorrer à falsidade. Se pudesse haver

uma confissão geral entre a classe *men ôaiangá*, o sistema se acharia em grande perigo. Apesar de tudo, ou seja como protetores, contra *men karon* ou extratores de *men ŪdjŪ* êstes sacerdotes selvagens continuam gozar a confiança e o respeito do seu povo. Comove a alma do esclarecido ver a vã confiança que os incuráveis têm e retêm em seus podêres. Os doentes vão de um pajé para outro, cada qual extraindo a sua especialidade de feitiço.

Qualquer alívio ou intermitência natural dá-lhes novas esperanças, cria-lhes nova paciência, leva-os a novos esforços. Sucedem-se os tratamentos. A desilusão final vem com o instinto inescapável do fim que se aproxima. O doente, desesperado e agora desenganado, desce à sua esteira, assombrado pelo terror da morte.

Crêm que o *kadjúí*, isto é, a alma, poderá sair do corpo sem que este esteja morto. É assim que explicam os sonhos. Enquanto a pessoa dorme, o *kadjúí* sai ao encontro com aquilo ou aquêles com quem se sonha, voltando ao corpo em tempo para este acordar. Na doença extrema, poderá sair sem querer voltar a um corpo tão fraco e feio. Há pajés que se especializam em fazer regressar essas almas. E quando elas não querem voltar, o corpo não demora a morrer.

Aonde irá o *kadjúí* que com a morte vira *men karon*? Crêm os índios que é inevitável que passe algum tempo no local onde deixou o corpo. Mas desejam que parta, quanto mais cedo possível para os campos que os Kayapó consideram como sendo seu patrimônio secular. Lá, informavam-nos os Gorotíre, havia uma Casa de Pedra. . .

Tivemos oportunidade de visitar aquêlo lugar tão interessante, situado nos campos do Rio Vermelho. Depois de longas e penosas horas gastas em subir uma serra alta e pedregosa, avistamos, ultrapassando os topos das árvores, os pináculos de um verdadeiro templo florestal, alvo e resplandescente ao sol de meio dia. A "Casa de Pedra" (*kên kikré*) longe de encantada, é obra da Natureza, lavrada de uma enorme rocha branca. Quatro fileiras de colunas suportam a abóbada, em cujas sombras piam hordas de morcegos, sempre associadas na mente do índio, com *men karon*. As paredes do labirinto de naves e tran-

septos levam alguns desenhos, imputadas à obra de *men karon*, mas simplesmente o serviço paciente de algum escultor primitivo. Vêm-se figuras de sapo, de pés de ema, desenhos de escudos esquartejados por cruzes. Interessante destino de espíritos indígenas agora feitos morcegos que piam na escuridão !

MORTE E ENTÊRRO

Gritos horríveis, estridentes, e penetrantes ressoam pelo acampamento. Do grande círculo de casas conflue uma multidão de cunhãs na direção do tapirí de onde vem os sinais de pranto. Empurrando as paredes de palha, as índias entram, hesitam por um momento, e levantando as mãos aos olhos, cmitam em unísono mais uma onda de gritaria.

Sôbre uma esteira suja jaz o objetivo do pranto, um índio doente. Seu corpo está emaciado e completamente nú. Folhas descoloridas e cipós batidos, deitados numa poça de água, indicam os banhos medicinais receitados pelo *ôaiangá*. Agora estão pintando-lhe o corpo com urucú. Já o fizeram tantas vêzes, mas repetem, mais uma tentativa de afastar o espírito que está lhe causando o mal. A cabeça do doente reclina-se sôbre a coxa da irmã, que carinhosamente aliza-lhe as fronte e sopralhe os olhos baços. Cada movimento da cabeça faz que os cabelos negros, longos e despenteados, varram o chão. O batque de pau, que em tempos de saúde era seu orgulho de guerreiro, jaz abandonado. O orificio encolhido e enrugado descobre as raizes dos dentes inferiores e dá-lhe o aspecto de um monstro de duas bôcas, sendo a segunda ainda mais repugnante que a primeira, circundada por êsses lábios tão pálidos e entertados na agonia da morte.

“*Arup te koptim*” diz a irmã. “As pernas estão sem sentido”. Alguém vai buscar uma rama qualquer, com que começa açoitar, levemente, os membros adormecidos. O doente se mexe. “*Arup aitê ko kâikrit*” diz a irmã. “Já está com a pele leve”, querendo dizer, um pouco melhor.

Ao pé da parede, e fincadas na terra, estão duas varas fortes, à distância de dois palmos uma da outra, e ligadas por três ou quatro voltas de envira, como os degraus de uma escada. É

o assento que lhe fizeram para êle poder escorar as costas e mitigar um pcuquinho a monotonia e desconforto de dias e noites deitado numa esteira dura. Ao redor da cama zoam hordas de moscas, atraídas pelos montes de lixo, cascas de frutas, ossos e espinhas e restos de comida dos tempos quando o pobre ainda sentia fome.

O único apetite que sente agora é o de viver, "*Arup itin pram*" (estou com vontade, com fome de viver) é uma expressão muito comum entre índios doentes. Entra na última fase da luta. O homem faz um tremendo esforço e por um momento parece que vai viver, vencendo a morte por pura força de vontade. Faz um sinal aos parentes que ajudam-no se levantar e amparar-se na cadeira de envira. Apcia-se com as mãos empurrando contra o chão. Abrem-se os lábios pálidos e o índio procura cantar. As palavras saem em pedaços, sílabas quase impossíveis de decifrar, aquêles fragmentos de uma canção tradicional usada nas festas que nunca mais o doente há de assistir. Gastos es esforços, recai à esteira. A luta foi vã. A morte venceu.

Mais uma vez, aquêles gritos, estridentes e penetrantes, ressoam pelo acampamento. Lançando mão num facão, a irmã é a primeira a lanhar-se, batendo no crâneo repetidas vezes com o gume e fazendo misturar seu sangue com as lágrimas. Vêm outras mulheres que lutam para tomar o facão, não de fazer que a irmã deixe de se bater, mas elas também possam "sentir na cabeça a dor que sentem no fígado". Fica para as mulheres civilizadas chorarem em voz baixinha, soluçando! O choro das índias Kayapó é outro. O cadáver já está salpicado com o sangue daquelas que lamentam a sua passagem da vida para a morte.

Mais uma vez quietude. Vai logo um parente cavar a sepultura. A irmã procura uma tesoura, ou, faltando esta, um talo de taboca para raspar a cabeça do defunto. Uma velha india senta-se à cabeceira da esteira. Começa cantar em voz falsete, e trêmula, uma canção funérea: —

"*Djudjê, kôrê :*

Djudjê kam ma, me ga pári ré tô kubù né;

Djudjê, kôrê, djudjê !"

Djudjê é o arco, *pári* é matar.

É a canção do arco de guerreiro que não matará mais.

Os Kayapó da classe de guerreiros e *men kururére* vão ao túmulo sem grandes cerimônias. Raspam-lhes a cabeça, pintam os pés com urucú, e colocam nos seus braços e pernas as ligas de algodão. Reservaram os preparativos mais complicados para as moças e chefes de família, seja a mãe ou irmã. Latex de mangabeira (*barôk*) serve para colar no corpo todo a penugem de periquitos e papagaios que está sempre pronta, guardada em cabacinhas. Quando morre uma criança, a mãe pinta-lhe todo o corpo com desenhos em tinta preta. Com ligas de algodão, voltas de contas e miçangas e asas de penas, parece que apenas um veuzinho separa os anjinhos das selvas verdes, daquêles que habitam os céus azuis!

Enquanto se completam êsses preparativos, os companheiros do defunto observam seus ritos funéreos no meio do acampamento. Quando é mulher, são as cunhãs que se reúnem na praça. Sentam-se no chão e entoam cantochões tristes, acompanhando as palavras com movimentos dos braços, que fazem subir e descer como quem está serrando madeira. Depois, dirigidas por uma velha, marcham em fila num grande círculo, sempre cantando, sempre movimentando os braços como em súplica, seus rostos sombrios e carregados de dor e melancolia.

Quando morre um tuchaua ou guerreiro de destaque, os companheiros procedem como já foi descrito adiante, enfeitando-se com coroas de palha que após jogam aos pés do morto.

O cadáver faz a última viagem envolto numa esteira e amarrado a uma vara grossa, carregado por dois homens.

Para fazer uma sepultura, o cavador senta-se de cócoras no lugar marcado, e com um pau ponteagudo cava ao redor do seu próprio corpo, que baixa, dedo por dedo, à medida que escava. A cova pode ter de boca apenas 60 centímetros, sendo de um metro e meio de profundidade, e alargando-se no fundo até 120 centímetros conforme o tamanho do cadáver. As pessoas que de pé ficam olhando o escavador, ficam cobertas de terra, pois esta é lançada da cova sem preocupação alguma para onde vá cair. Dobrados os joelhos do defunto, êle é colocado na sepultura em posição meio sentada, sôbre uma esteira que serve

de fôrro. Com o corpo são enterradas as coisas que lhe pertenciam em vida.

Para as crianças de peito, as mães tiram sempre uma cuia de leite que colocam junto ao cadáver. Dizem que fazem isto para a alma da criança não sair à noite, a procura do peito materno, o que poderá incomodar as vizinhas se a criança morta não acertar o caminho da esteira da mãe.

A cova é fechada por meio de uma grade de varas, que forrada de esteiras, suporta o pêso da terra, sem que esta toque o cadáver. Os parentes alizam com as mãos ou os facões, os montículos de terra que marcam as sepulturas. Durante o inverno, podem cobrí-los cuidadosamente para que as águas das chuvas não penetrem, mas de modo algum calçam os túmulos com os pés, para não zangar o espírito do defunto.

Completado o entêrro, os assistentes regressam ao acampamento. Fica por um momento um rapaz que corta uma forquilha em que enfiará as voltas de palha que os guerreiros usaram na dança de despedida, ou algum parente que quebra e espalha sobre a sepultura alguns objetos que não foram enterrados. Ou fica a mãe, ou viuva, que corta seus cabelos e deixa-os onde a mulher cristã acenderia uma vela ou depositaria flores.

Geralmente os cemitérios dos Kayapó não são grandes, pois sendo nômade a horda pouco se demora num local. Somente em aldeias de índios pacificados é que os montes de terra alcançam grande número. Para o cemitério não ficar demasiadamente grande, os índios se servem de uma sepultura velha para um segundo entêrro. Quando restos do primeiro ocupante ainda estão na esteira com que o jazigo foi forrado, esta é retirada com cuidado. Enquanto os homens cavam mais alguns centímetros para dar ao túmulo aspecto novo, as mulheres vão remexer a cinza humana, catando as contas e miçangas que sobreviveram à decomposição do dono! Depois do novo ocupante estar em posição, os restos do primeiro voltam novamente à terra, despidos de todos os enfeites e deixados ao lado daquele que agora ocupa o primeiro lugar.

Quando uma pessoa de destaque morre em viagem, e precisa ser enterrada num lugar onde não há outra sepultura, os parentes poderão voltar mais tarde, a fim de levar a ossada para

fazer novo entêrro onde terá a companhia de qualquer outro morto.

Após a morte de uma criança bem querida, a mãe visita frequentemente a sepultura, para chorar, e as vezes, se flagelar novamente. Sendo criança de peito, ou filho único, a mãe poderá retirar os restos mortais logo que o estado de decomposição o permitir. Descarna os ossinhos, limpa-os um por um, e após lavá-los no rio, pinta-os de urucú. Banha-os em lágrimas, e os embrulha numa esteira ou paneirinho, para guardá-los até que tenha outro filho, e com o nascimento dêste, possa esquecer-se mais do primeiro. A ossada voltará novamente ao seio da terra, mas desta vez, encostada aos restos mortais de algum parente adulto.

O ÓRFÃO

Nota-se na língua Kayapó, entre os epítetos de desprezo, três principais, cada um muito efetivo para envergonhar os infelizes a quem são lançados. São êles *pakêt*, literalmente "sem braço", o panema; *uabô*, manso, antônimo a *djokê*, considerado entre os Kayapó a virtude cardial; e *uatim*, órfão, no sentido de estar sem parente algum. É sem dúvida, é de merecer o nome *uatim* que o nosso Kayapó tem mais mêdo pois além de ficar sem amigo e sem protetor, torna-se impossível ajustar-se bem no grêmio Kayapó, e isto desde o momento em que nasce até a hora de morrer.

Para melhor ilustrar a falta de valor atribuída aos *men uatim* nos diversos aspectos da vida indígena, citaremos alguns casos de nosso conhecimento pessoal.

Karinhô-ti era uma índia velha, e foi motivo de admiração na aldeia quando soube-se que estava *tuiarô* (grávida). O companheiro não valia nada, sendo preguiçoso e sem a responsabilidade que existe entre os índios bons. Aproximando-se o tempo do parto, a mulher adoeceu de gripe e de fortes ataques de malária. O marido, vendo que seria muito difícil a mulher escapar, abandonou-a. Nós missionários, estávamos tratando-a, dando quinino em pequenas doses para não prejudicar a vida não nascida. Eram inúteis. As febres continuavam.

“Não posso dar mais”, dissemos aos vizinhos. “Uma dose bem forte matará a criança”.

“Matar a criança? Tem pai para a criança merecer viver?”

“Quem vai fazer *meprire oprodjó*?” (O enxoval)

“Que é que vai comer? Quem vai caçar, pescar por ela?”

A vida da *Karinhô-ti* estava em grande perigo. Demos o medicamento em dose forte. As febres passaram, porém a criança nasceu já morta.

Parutí morreu duas semanas depois de ter dado à luz a um filho. Estávamos trabalhando na roça quando aconteceu, mas ouvimos os gritos que acompanharam o entêrro. Terminado o nosso serviço, fomos à aldeia para ver qual das cunhãs estaria cuidando do filhinho.

“*Nara meprire*?” perguntamos. (Que é da criança?)

“Com a mãe”, veio a resposta. Sabendo que são “mães” as tias maternas continuamos: “Com qual mãe,” A informante apontou para o rumo do cemitério.

“Mas a criança também morreu?”

“*Kon*” (não sei) veio a resposta indiferente.

Tinham enterrado viva a criança *uatim*. Sem perder um momento, fomos buscar uma onxada, a carreira pelo meio do acampamento serviu para juntar o povo todo.

“Que vai fazer?”

“Para que tomar que está com a mãe dêle?”

“Quem tem leite para amamentar *men uatim*?”

Chegando ao cemitério, conseguimos fazer uma abertura onde a terra estava mais rasa em cima da grade, ansiosos que uma súbita queda de terra frouxa não acabasse de sufocar a criança que supunhamos ainda estar torcendo no seio frio da mãe. Mas não, não discernimos sem ou movimento. A cova, quente e asfixiante, já exalava um mau cheiro em que a vida frágil de criança não podia existir. Chegamos tarde demais.

Morreu o filhinho de *Ngreikupú*, um menino muito benquisto por todos, pois a família era numerosa. Disseram que a culpada foi a mãe que comera *Ûkarurù*, milho dos civilizados.

Chorando em voz alta, ela lamentava ter morrido o seu filho menino com tantas mães, tantos pais, e acrescentou “enquanto a filha *uatim* daquela mulher acolá continua viva”.

Foi quando um dos “pais”, rifle na mão, passou ligeiro rumo da esteira onde a menina *uatim* estava deitada ao lado da mãe doente. Atirou à queima roupa.

Assistimos ao entêrro das duas crianças. Ao redor do menino, tão enfeitado de penas, tintas e miçangas que parecia um boneco, as “mães” e outras parentes gritavam e se flagelavam com facões. A menina *uatim*, não tinha senão a mãe doente para chorá-la. Quase doída de medo e de dor, a pobre mãe cambaleava pelo caminho com a filha estendida nos braços, seu corpo rú e sem enfeites, o sangue ainda correndo do horrível balaço nas costas. Sômente a sepultura uniu as duas crianças, enterradas juntas num abraço patético.

Ngreimári pertencia à turma Kuben-kran-kein mas devido certas hostilidades, achava-se no meio da turma Gorotíre, feita *uatim*, pois os parentes que tinha estavam longe. Vítima de mil insultos, abusos e humilhações, Ngreimári não recusou quando um civilizado se ofereceu como companheiro. O fim foi triste. Um grupo de guerreiros foi em seu encalço, mataram Ngreimári a cacête.

Mùtkatúru também era *uatim*, mas sendo rapaz novo e forte, servia muito para os homens beijudos na Sede. Era de todos o criado, sempre disponível pois sem “nomes” e sem parentes nenhum papel desempenhava nas várias festas. Quando um dia, Mùtkatúru adoeceu e morreu, ficou para a rapaziada da Casa dos Homens amarrar-lhe um cipó aos pés e arrastá-lo para uma cova rasa, nada se importando se a camada de terra era suficiente para conter o mau cheiro ou proteger o cadáver contra os urubús.

Beprière foi um dos primeiros frutos da pacificação da horda *Men-krang-no tí* efetuada pelo S.P.I. no alto rio Iriri. Desde a aproximação, inicial, êle aliou-se com a turma de índios domesticados, recrutados nos diversos postos indígenas e empregados com bom êxito em várias atrações. Terminado o serviço chegou o tempo de regressar, cada qual para seu povo. Os que eram dos Gorotíre, foram, como também do agrupamento

Chikrin, kô-krai-môru, Kuben-kran-kein, todos alegres na perspectiva da reunião com os parentes, com dinheiro no bolso, compras feitas na cidade para ostentar, e muita coisa para contar. Voltariam às mulheres, perantes as quais gosariam de um novo prestígio, por tanto terem viajado. Beprêre assistiu a a saída de todos, porém sem querer acompanhar a ninguém. “O que é que eu tenho na aldeia?” perguntou êle. “Eu sou *men uatim*”.

É verdade que nas aldeias não faltam aquêles que, quando as circunstâncias são favoráveis, estão prontos a fazer-se parentes adotivos de rapazes fortes e mocinhas bonitas, mas no caso de piorarem as condições, o estigma de *uatim* tornará a aparecer. Sabendo isso, o Beprêre resolveu ficar no meio civilizado, apesar de não falar bem o português, e de raramente encontrar amigos sinceros que não o desprezassem por ter nascido índio, nem o explorassem por ser ingênuo e tão fácil de enganar. Tudo seria preferível àquela vida de *uatim* na aldeia.

É claro que qualquer esforço no sentido de levar ao povo Kayapó uma nova ordem em que haja progresso, faria bem se aproveitasse ao máximo êstes desprezados *men uatim*, para os quais a aldeia não oferece nem presente nem futuro.

PEQUENO DICIONARIO DE ALIMENTAÇÃO

Não pretendemos indicar senão os elementos principais da alimentação indígena. De animais, peixes e frutos existe uma infinidade. Anotamos apenas o termo geral.

bôî ' Ū

o milho, literalmente “a semente da mata”. Dizem que antigamente era *bon djù*, “a semente de capim” o milho “original”, um tipo variegado que os Kayapó segundo o mito, consideram exclusivo da tribo. Sempre fôfo por dentro, fácil de pilar, é ideal para os bolos.

bôî ' Ū kumren

pipoca.

bôî ' Ū katonk

o milho comum dos civilizados, literalmente “a semente clara”.

Ū karŪrŪ

beró.

a puba, a mandioca amolecida na água.

beró ngrò

a mesma puba depois de sêca ao sol.

beró mron

a puba cozida, sem sal, em forma de mingau grosso.

dju ' uò

a puba ou o milho quando pilado em farinha, ou feito em bolo ou beijú.

<i>dju ' uò poi</i>	o beijú raso, ou bolacha.
<i>dju ' uò kaigó</i>	o bolo sem que haja nada de carne ou peixe, simples.
<i>dju ' uò ngrò</i>	a farinha dos civilizados.
<i>iôt</i>	a batata doce, de todas as espécies.
<i>kadjuá</i>	o "sal" nativo preparado de talos da palmeira anajá, que após queimados, fornecem uma cinza salgada. Os índios comem a cinza que adere aos dedos molhados e fazem sal em solução, secando a água e deixando cristalizado um pó cinzento.
<i>kadjuáti</i>	a cana de açúcar (não nativa aos Kayapó)
<i>kadjuati-nhi</i>	o sal comum (não nativo aos Kayapó)
<i>kamêre</i>	a palmeira bacabeira
<i>kamerekók</i>	a palmeira açai. Amolecem os frutos dessas palmeiras em vasilhas disponíveis, pilando-os, porém sem desmanchar em "vinho".
<i>kangô</i>	qualquer líquido, caldo.
<i>kò kangô</i>	leite, líquido do peito.
<i>katen, katenre</i>	jirimú, abóbora
<i>katen bòri</i>	mamão, literalmente "jirimú de tronco".
<i>kuèin</i>	passarinho.
<i>kuòru</i>	a mandioca.
<i>kuòru djòm</i>	a mandioca ralada.
<i>kuòru iaòm</i>	a tapioca.
<i>kuòru ngó</i>	a mandioca fervida por alguns minutos, despedaçada e deixada de molho a noite toda. Come-se frio, um prato muito especial e popular.
<i>kupá</i>	cupá, um cipó comestível, plantado na roça ao pé de troncos secos.
<i>méin</i>	mel de abelha, de que existem em muitas qualidades, cada qual conhecida por nome próprio. Os índios não fazem distinção entre abelha e mel.
<i>môb, móp</i>	cará, anhame.
<i>môi, môitç</i>	o jatobá.
<i>mrò</i>	a "cana de macaco", uma cana brava, doce e muito apreciada.
<i>mrÛ</i>	caça de toda a espécie.
<i>mrÛ kamangri</i>	bolo de mandioca com pedaços de carne no meio.
<i>mrÛ mron</i>	carne cozida.
<i>mrÛ tchêt</i>	carne assada.
<i>ngô</i>	água.
<i>nhon</i>	palmito, termo unicamente usado em conjunção com o tipo de palmeira que rende o palmito.
<i>ngré</i>	ovo
<i>ongré</i>	ovo de pássaro.
<i>krantòì ngré</i>	ovo de tracajá

<i>ngruá</i>	palmeira burutí
<i>nó ô poti</i>	a macaxeira.
<i>òk</i>	pássaro grande, ave.
<i>pin</i>	árvore
<i>pin-djô</i>	fruta
<i>pin-djô ran</i>	flôr.
<i>pin-ô</i>	folha.
<i>pin-Û</i>	castanha do Pará.
<i>pin-Û karó</i>	castanha do Pará, quando verde.
<i>pin-Û tekretí</i>	castanha sapucaia.
<i>prin</i>	piquiá dos campos.
<i>prinkoktí</i>	piquiá da mat.a Os frutos se comem assados, cozidos ou embrulhados em massa de mandioca, feito "Kamangrí".
<i>ri, rikre</i>	palmeira anajá.
<i>rikre djô</i>	a fruta.
<i>rinhon</i>	o palmito.
<i>ron</i>	<i>palmeira</i> babaçu
<i>ron kran</i>	o côco.
<i>ronÛ</i>	a amêndoa, o caroço.
<i>ronhon</i>	o palmito.
<i>tekepuintí</i>	a banana comprida.
<i>tep</i>	peixe.
<i>tep kamangrí</i>	bolo de mandioca com peixe.
<i>temron</i>	peixe cozido.
<i>tep tchêt</i>	peixe assado.
<i>tem ngré</i>	ovada, espinha na pele.
<i>tu ' uòm</i>	gordura.
<i>tÛrÛ</i>	a bananeira brava, sororoca.
<i>tÛrÛ-djô</i>	a fruta.
<i>tÛrÛ-ô</i>	as folhas usadas para embrulhar os bolos, indispensáveis na cozinha Kayapó.
<i>tÛrÛtí</i>	a banana mansa, de todas as qualidades.
<i>tÛrÛti nep</i>	banana madura.
<i>tÛrÛti kukré</i>	banana verde.
<i>umron</i>	comida cozida, de qualquer qualidade.

G R A F I A

Segue-se, quando possível, o valor gráfico da língua nacional, porém com certas exceções inevitáveis, entre as quais, o uso de acento grave como indicativo de sons vogais estranhos ao português.

ò como "ò" americano, como o "e" (francês) em *je suis*.

Û som difícil de descrever, como "u" pronunciado com a bôca alongada e não arredondada.